

**O IMPACTO DA MORTE DO PAI NA VIDA DE UM ADOLESCENTE**

**Trabalho apresentado ao Familiare Instituto Sistêmico como requisito parcial para a conclusão do Curso de Especialização em Terapia Relacional Sistêmica.**

**Gabriela Chrestani**

**Orientadora: Me. Monica Duarte da Silva Gonçalves**

*All humans will, without exception, eventually die.*

*(Todos os seres humanos, sem exceção, morrerão)*

*(Tradução livre - Death Note, ep. 37)*

## **RESUMO**

O presente trabalho tem como objetivo principal levantar uma reflexão, por meio de um estudo de caso com base na Teoria Sistêmica, acerca dos impactos causados na vida e na dinâmica da família de um adolescente, após a morte do pai, com base em atendimentos psicoterapêuticos realizados com Carlos, de 12 anos de idade. Para o esclarecimento de alguns aspectos relevantes da história familiar, no entanto, foram utilizados ainda alguns relatos de sua irmã – Mariana – de 31 anos, a qual iniciou o processo psicoterapêutico juntamente com seu irmão e, após alguns atendimentos, precisou ser encaminhada para terapia individual. Os dois irmãos foram atendidos na Clínica Escola do Familiare Instituto Sistêmico, em Florianópolis – SC. Mariana e Carlos foram encaminhados para o serviço da Clínica em virtude de estarem em processo de guarda provisória, solicitada por Mariana. O foco do encaminhamento foi o comportamento agressivo de Carlos, que havia perdido o pai recentemente e se distanciado da mãe em virtude de violência física, psicológica e também existiam suspeitas de abuso sexual, a qual, por sua vez, foi considerada como alguém incapaz de cuidar dos filhos. Assim, a psicoterapia visou, em um primeiro momento, facilitar a relação entre os dois irmãos, que ainda sentiam muito a falta do pai; inserir o garoto na nova família; auxiliar Mariana a desenvolver o papel de cuidadora de um pré-adolescente. Em um segundo momento, apenas com Carlos, o objetivo principal era a elaboração do luto referente à morte do pai e as outras perdas que aconteceram depois deste evento. Durante a terapia, o adolescente estava morando com Mariana. Foram realizadas sessões semanais com duração de 50 minutos, totalizando 16 sessões com o adolescente, e 4 com a irmã responsável pela guarda, num período de 6 meses.

**Palavras-Chave:** Pensamento Sistêmico. Morte. Adolescência. Ciclo Vital. Luto.

**Abstract:**

*The present work has the purpose of raising a reflection, by means of a case study based on the Systemic Theory, about the impacts on the life and family dynamics of a teenager after his father's death, and it is based on psychotherapeutic sessions performed with Carlos, 12 years old. In order to clarify some relevant aspects of family history, however, some reports from his sister – Mariana – 31 years old – were still used. She had started the psychotherapeutic process along with her brother and after a few sessions she had to be forwarded to individual therapy. Both were treated at Instituto Familiare in Florianópolis – SC. Mariana and Carlos were submitted to the service of the Clinical School for being in provisional custody proceedings requested by Mariana. The focus was the aggressive behavior of Carlos, who had recently lost his father and also distanced himself from his mother because of physical, psychological and suspected sexual abuse. His mother was considered in the judicial process as someone unable to take care of children. This, psychotherapy aimed at: facilitating the relationship between the two brothers who still missed their father a lot; inserting the boy in the new family; and helping Mariana to develop the role of caregiver of a pre-teen. In a second time, with Carlos, the main objective was the elaboration of mourning on the death of his father and the other losses that happened after this event. Carlos, while attending the therapy, was living with Mariana, who had asked his custody after the complaints about his mother. Weekly sessions were held with 50 minutes, totaling 16 sessions with the teenager and 4 sessions with Mariana, in a six months period.*

**Keywords:** *Systemic Thinking. Death. Adolescence. Life Cycle. Mourning. Brotherhood.*

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b> – Death Note 1 .....	<b>27</b>
<b>Figura 2</b> – Death Note 2 .....	<b>40</b>
<b>Figura 3</b> – Death Note 3 .....	<b>44</b>
<b>Figura 4</b> – Death Note 4 .....	<b>47</b>
<b>Figura 5</b> – Death Note 5 .....	<b>52</b>
<b>Figura 6</b> – Death Note 6 .....	<b>62</b>
<b>Figura 7</b> – Death Note 7 .....	<b>67</b>

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>2 OBJETIVOS .....</b>	<b>10</b>
<b>OBJETIVO GERAL .....</b>	<b>10</b>
<b>OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....</b>	<b>10</b>
<b>3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</b>	<b>11</b>
<b>3.1 Pensamento Sistêmico .....</b>	<b>11</b>
<b>3.2 Famílias .....</b>	<b>12</b>
<b>3.3 Ciclo vital .....</b>	<b>14</b>
<b>3.4 Morte e Luto .....</b>	<b>17</b>
<b>4 MÉTODO.....</b>	<b>24</b>
<b>4.1 Caracterização do estudo.....</b>	<b>24</b>
<b>4.2 Participantes .....</b>	<b>24</b>
<b>4.3 Procedimentos.....</b>	<b>24</b>
<b>4.4 Considerações éticas.....</b>	<b>25</b>
<b>5 DISCUSSÃO E ANÁLISE DO CASO .....</b>	<b>26</b>
<b>5.1 Genograma.....</b>	<b>26</b>
<b>5.2 Caso Clínico .....</b>	<b>28</b>
<b>5.3 Análise e Discussão do Caso Clínico.....</b>	<b>41</b>
<b>5.3.1 O paradoxo.....</b>	<b>41</b>
<b>5.3.2 A morte do pai e a tentativa de reequilíbrio do sistema .....</b>	<b>45</b>
<b>5.3.3 Mudanças após a morte .....</b>	<b>48</b>
<b>5.3.4 O luto, as perdas e a adolescência.....</b>	<b>53</b>
<b>5.3.5 O processo de psicoterapia e aspectos judiciais.....</b>	<b>63</b>
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>68</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>71</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Ao pensar sobre famílias, atualmente, é fundamental ampliar o olhar tradicional para uma reflexão a qual possibilite a compreensão das novas constituições familiares, principalmente para o profissional envolvido com essa temática. Afinal, com esse novo e relevante aspecto social, parte-se do princípio de que as dinâmicas familiares se modificaram, o que exige uma nova forma de compreender os movimentos familiares. Podemos considerar então que não existe um modelo único, mas muitas configurações familiares que trazem novas discussões teóricas que devem ser pesquisadas, atualmente o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) considera até mesmo uma única pessoa morando numa casa como uma família. Além disso, a mídia tem cada vez mais debatido questões sobre as famílias monoparentais e recasadas, bem como a adoção de crianças por casais homossexuais. Por todas essas mudanças, percebe-se a necessidade de mudar o paradigma tradicional da ciência para um novo olhar que possa abranger os sistemas familiares atuais.

O censo realizado pelo IBGE considerou, em 2010, que família “é o grupo de pessoas ligadas por laços de parentesco que vivem numa unidade doméstica”. Dentre essas unidades, foi considerada a ocorrência de três tipos previamente estabelecidos: unipessoal (composta por uma pessoa), de duas pessoas ou mais com parentesco, ou de duas pessoas ou mais sem parentesco entre elas. Como resultado do censo, observa-se que a maior parte das residências (87,2%) é formada por duas ou mais pessoas com laços de parentesco. As pessoas que vivem em unidades unipessoais representam 12,1% do total e as pessoas sem parentesco são 0,7%.

O foco desta pesquisa está direcionado para um adolescente que perdeu o pai e o conseqüente impacto dessa perda em sua vida. A família do adolescente estudado é recasada e era constituída por um pai com três filhos de outros casamentos, dois filhos da união com a última esposa antes de sua morte, que advinha de outra relação amorosa, na qual não teve filhos. Com a morte do homem, pai e marido dessa família, no entanto, a história do participante passou por transformações significativas, passando a pertencer à família de sua irmã, filha do outro casamento de seu pai, sendo esta a responsável por ele, bem como por todos os outros membros que moravam em sua casa. A morte da figura paterna, neste caso, tem um significado importante para a construção da maneira de pensar e agir de Carlos – adolescente deste estudo – além de se poder perceber como o sistema se desorganiza e busca se reequilibrar após esse trágico episódio. Por isso, aprofundar este estudo é importante para contribuir e incentivar a discussão de três temas que se relacionam aqui: morte, adolescência e reorganização familiar.

Como Carlos ficou em uma família liderada por uma mulher, é importante ressaltar que as famílias chefiadas por mulheres, de acordo com os dados do censo do ano 2000, atingem um percentual de 26,55%. Outro dado da mesma pesquisa aponta um número de 6.211.209 de pessoas viúvas, das quais 5.065.474 são mulheres, contra 1.145.735 de homens, dado muito significativo, considerando os impactos psicológicos causados a partir da morte de um dos cônjuges – no caso deste trabalho, o marido. Pensando nas diferentes possibilidades de constituições familiares, faz-se necessário refletir sobre como o sistema não é fixo, ele se reorganiza frente às mudanças, sejam elas na configuração familiar, no ciclo vital, nos imprevistos da vida e de transformações importantes, como por exemplo, a morte de um membro.

Nesse contexto, devem-se considerar as posições exercidas por homens e mulheres. Historicamente, a mãe era a responsável pelo cuidado e educação da criança e o pai tinha a tarefa de fornecer o suporte financeiro da família. Além da função de provedor, no entanto, a figura paterna tem muita importância no desenvolvimento dos filhos, pois até mesmo sua ausência, seu excesso de autoritarismo ou sua dureza marcam a constituição do sujeito – vide as discussões dentro do campo da psicologia sobre a necessidade da função paterna para o desenvolvimento das crianças, como se pode ver em Lacan, Freud, Melanie Klein, entre outros autores.

Atualmente, é mais discutida e exposta a necessidade de a função paterna compartilhar as funções maternas, pois devido às mudanças sociais, culturais e familiares, o pai, ou aquele que faz essa função, tende a cada vez mais estar perto dos seus filhos, atuando de forma mais participativa em vários aspectos, entre eles, o emocional, o social e o cognitivo, o que deixa clara a sua importância no desenvolvimento das crianças.

Ao iniciar os atendimentos com Carlos, não imaginava para onde iria meu olhar com o decorrer das sessões. Muitas vezes, imaginava que poderia me deparar com questões em que trabalhar a comunicação, o luto, ou a transição da infância para a adolescência seriam suficientes. Porém, outras questões foram ficando evidentes e gritantes com o processo e, depois de encerrado, avalio como crucial contemplar este tema – o luto – com cuidado, para que se desenvolvam outras reflexões e perspectivas para casos semelhantes. No caso de Carlos, pessoalmente, o que me motivou escrever sobre o tema foi a necessidade de entender a importância que a atuação do psicólogo tem nesse contexto, em que o sofrimento após tantas perdas pode ser acolhido e aqui refletido, por meio da construção da monografia em questão.



Portanto, este trabalho buscará refletir sobre a temática da reorganização e elaboração do luto feito pelo adolescente, a partir da morte de um dos membros – o pai da família – o qual era considerado pelos dois irmãos como a “pessoa problemática”, pois havia sido diagnosticado por médicos como apresentando um quadro de esquizofrenia ou de transtorno bipolar, precisando, portanto, de cuidados e atenção especiais.

É importante destacar o fato de Carlos estar numa etapa do desenvolvimento psíquico – a adolescência – cuja característica fundamental é a necessidade de identificação com figuras que vão nortear as suas preferências, atitudes e escolhas nesse momento, que também é de reorganização interna da pessoa.

Para tal, o olhar teórico utilizado está embasado na Teoria Relacional Sistêmica, a qual propicia discutir e compreender os movimentos dos sistemas familiares considerando o contexto e as pessoas e entendendo que nenhum comportamento ou evento é causa e nem é causado por outro, estão todos interligados de maneira circular a outros eventos e comportamentos. Os conceitos importantes para a reflexão do caso serão abordados na parte do referencial teórico, mas são eles: Pensamento Sistêmico, Sistemas, Famílias, Ciclo Vital, Morte e Luto.

A partir das informações acima, o objetivo principal do presente trabalho é de contribuir para reflexões acerca do impacto causado a partir da morte do pai e o processo de luto de um adolescente de SP, com base na análise dos relatos do caso clínico de Mariana e Carlos.

## **2 OBJETIVOS**

### **OBJETIVO GERAL:**

Refletir, a partir de um estudo de caso, acerca do impacto da morte paterna na vida de um adolescente atendido no Instituto Familiare.

### **OBJETIVOS ESPECÍFICOS:**

- Descrever, a partir dos relatos de dois filhos, as repercussões da perda inesperada do pai;
- Identificar aspectos emocionais envolvidos no processo da perda da figura paterna;
- Refletir sobre o movimento de reorganização familiar a partir da perda;
- Levantar a discussão sobre o processo de luto de um adolescente;
- Refletir sobre a contribuição da psicoterapia na elaboração do luto desse adolescente.

## 3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 3.1 Pensamento Sistêmico

A teoria sistêmica está baseada no paradigma da ciência pós-moderna, na qual não se entende o sujeito por meio de uma visão dicotômica, diferentemente da concepção moderna ou tradicional, em que o sujeito é entendido de acordo com o princípio de causa e efeito. Os conhecimentos utilizados pelo pensamento sistêmico são compreendidos de forma relacional, o que significa, em outras palavras, que, segundo essa teoria, se entende que todos os sistemas estão interligados.

A Teoria Geral dos Sistemas, criada por Ludwig von Bertalanffy em meados da década de 1930, tinha em vista buscar uma explicação para a complexidade dos organismos vivos, demonstrando que para conhecer um organismo vivo não basta somente ter o conhecimento individual dos seus órgãos. A Sistêmica defende que é preciso entender que as partes interagem constantemente dentro de um sistema e, portanto, juntas. Um sistema é um complexo de elementos que interagem entre si, um todo integrado cujas propriedades não podem ser reduzidas às propriedades das partes e nem analisadas separadamente.

Conforme acontecem as trocas de informações e interações com o ambiente, um sistema pode ser aberto ou fechado. De acordo com Vasconcelos (2002), quando um sistema modifica e ao mesmo tempo é modificado pelo ambiente em que está inserido, este é considerado aberto. Um sistema fechado não recebe influência, não influencia e não apresenta trocas com o meio ambiente que o cerca. Portanto, é importante que se tenha conhecimento das relações existentes entre os elementos e a sua organização. De acordo com essa visão de sistemas, Papp (1992) propõe alguns conceitos fundamentais do pensamento sistêmico:

Os conceitos-chave do pensamento sistêmico têm a ver com a totalidade, a organização e a padronização. Os eventos são estudados dentro do contexto no qual ocorrem e a atenção é focalizada nas conexões e relações, mais do que nas características individuais. As ideias centrais desta teoria são as de que o todo é considerado maior do que a soma de suas partes; cada parte só pode ser entendida no contexto do todo; uma mudança em qualquer uma das partes afeta todas as outras partes e o todo regula através de uma série de correntes de *feedback* que são classificados como circuitos cibernéticos.

A informação viaja para frente e para trás dentro destas correntes de *feedback* a fim de fornecer estabilidade ou homeostase ao sistema. As partes estão constantemente mudando a fim de manter sua forma na medida em que o padrão de ligação entre as partes se modifica. Este conceito de padronização e organização circular, em oposição à descrição individual e à explanação linear, tornou-se a base sobre a qual a terapia familiar se apóia (PAPP, 1992, p. 22).

De acordo com Watzlawick (1967), ao estar inserido em um sistema, todo e qualquer comportamento manifestado por um de seus membros tem para os outros valor de mensagem, portanto, não há como não comunicar. Todas as trocas comunicacionais são simétricas ou complementares e estão baseadas na igualdade ou na diferença.

### 3.2 Famílias

A terapia familiar baseia-se no fato de que o ser humano não é um ser isolado, e sim membro ativo e reativo de grupos e sistemas sociais. Minuchin (1982) afirma que as experiências de cada sujeito/indivíduo são determinadas a partir da sua interação com ambiente e contexto.

A pessoa influencia o seu contexto e é influenciado por este, o que significa que as mudanças na estrutura familiar contribuem para mudanças no comportamento e nos processos psíquicos internos dos membros desse sistema. Nesse sentido, quando um terapeuta trabalha com um paciente ou uma família, seu comportamento se torna parte do contexto, fazendo com que o sistema precise se reorganizar para a entrada da figura do terapeuta.

Cervený (2000), em seu livro “A família como modelo”, teoriza sobre o grupo familiar como:

(...) um conjunto que funciona como uma totalidade e no qual as particularidades dos membros não bastam para explicar o comportamento de todos os outros membros. Assim, a análise de uma família não é a soma das análises de seus membros individuais. Os sistemas interpessoais como a família podem ser encarados como circuitos de retroalimentação, dado que o comportamento de cada pessoa afeta e é afetado pelo comportamento de cada uma das outras pessoas (p. 25).

A partir dos estudos de Andolfi (1996), compreende-se que a família é um sistema entre sistemas e, dessa forma, é fundamental que o terapeuta dispense atenção às relações interpessoais e às normas que regulam a vida dos grupos aos quais um indivíduo pertence, para que possa melhor compreender o comportamento dos membros e formular intervenções eficazes. É importante ressaltar que a família reproduz os valores e conceitos morais da sociedade na qual está inserida. Entretanto, compreender a cultura é condição *sine qua non* para o bom desenvolvimento do entendimento da dinâmica familiar.

De acordo com Andolfi (1984), a família é um sistema ativo em constante transformação. Esse sistema complexo e capaz de adaptar-se a diferentes exigências das fases

do desenvolvimento do ciclo vital permite o desenvolvimento familiar e, ao mesmo tempo, assegura a diferenciação dos seus membros.

Complementando os pressupostos teóricos acima citados, Vasconcelos (2002) afirma que a família é vista como um sistema dinâmico e relacional, o qual é afetado por qualquer acontecimento que envolva seus membros, como a morte de um deles, por exemplo, evento que suscita reações diferentes em cada um dos integrantes desse sistema. A família, contudo, apresenta capacidade de auto-organização e tem em si mesma recursos para superar as adversidades. Assim, o olhar do terapeuta sistêmico tem como foco a estrutura, o processo e contexto familiar, no qual serão geradas, mantidas e transformadas as crenças e valores da família.

Segundo Andolfi (1984), graças à capacidade de diminuir sua própria estabilidade e recuperá-la a partir de uma reorganização de sua estrutura, a família se transforma. Sendo um sistema aberto, as pressões externas e internas sofridas pela família a conduzem em direção à mudança. Essas transformações ocorrem por diversas razões, seja por modificações causadas pela vivência de diferentes momentos do ciclo vital ou pelas de exigências do meio social. O funcionamento e as posições de cada membro são revistos a cada mudança que acontece, pois:

A mudança requer um processo de adaptação que pode ser visto como uma modificação nas regras de associação a fim de assegurar a coesão familiar enquanto oferece espaço para o crescimento psicológico dos membros individuais da família (ANDOLFI, 1979 *apud* ANDOLFI, 1984, p. 23).

Cada indivíduo se constitui como parte de um ou vários subsistemas dentro do sistema familiar, sendo alguns destes:

- Individual – constituído pelo indivíduo.
- Parental – filhos.
- Conjugal – o casal.
- Fraternal – os irmãos.

Esses subsistemas podem ser classificados por diversas características – geração, sexo, interesse pessoal ou funções. Cada pessoa, por sua vez, assume diferentes papéis e níveis de poder dentro dos subsistemas, adaptando-se às habilidades de relações diferenciadas de acordo com as funções que exerce. Uma mulher pode possuir papel de irmã no subsistema fraternal, de esposa no subsistema conjugal, de mãe no subsistema parental, dentre outras funções.

As fronteiras, ou seja, as regras que definem a participação nos sistemas – quem participa, quando e de que forma – precisam ter nitidez suficiente para que cada um possa desempenhar suas responsabilidades e autoridades sem que nenhum outro membro interfira nesse papel.

### **3.3 Ciclo vital**

As famílias atravessam diversos estágios bem definidos ao longo de sua existência. Na literatura, existem alguns teóricos que falam sobre o tema e propõem diferentes classificações desses estágios de desenvolvimento. Dentre esses autores, destacam-se Carter e McGoldrick (1995) e Cerveney e Berthoud (2000). Carter e McGoldrick (1995) identificam seis fases do ciclo de vida familiar:

- Jovem solteiro
- Formação do casal
- Famílias com filhos pequenos
- Famílias com adolescentes
- Lançamento dos filhos
- Famílias no estágio tardio da vida

Em cada um dos estágios citados pelos autores, existem desafios e dificuldades a serem enfrentados. Na fase do “jovem solteiro”, o sujeito estará em um momento de individuação e diferenciação da sua família de origem, demandando o estabelecimento de certos acordos e escolhas que o possibilitem desenvolver maior autonomia e diferenciação sem romper os laços com a família de origem.

Na “formação do casal”, inicia-se uma nova família diferenciada das famílias de origem de cada um dos membros. Na terceira fase, esses membros são encarregados de se tornarem pais e cuidadores. Depois disso, estes devem estabelecer limites para novas questões que surgirão com os filhos adolescentes, diferentes daqueles utilizados quando seus filhos eram crianças.

Definir quando inicia e encerra a adolescência é uma questão controversa. De acordo com o ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), “(...) Art. 2º. Considera-se criança, para efeitos desta lei, a pessoa de até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade”.

Os estudos de Papalia e Olds (2000) definem que essa fase de saída da infância em busca da idade adulta tem duração aproximada de 10 anos, considerando seu início aos 12 ou 13 anos, na puberdade, que se define pela maturação sexual e capacidade de reprodução, e seu fim por volta dos 20 anos. Nesse momento de entrada na puberdade, são oferecidas grandes oportunidades de crescimento, bem como de aumento de autonomia, autoestima e intimidade. Porém, atualmente, pode-se perceber que os limites de idades para o começo ou final deste período estão mais flexíveis e modificam-se conforme camada social, cultura do grupo, entre outros aspectos.

Portanto, Neto e Osório (2011) salientam que a definição de um início e um término para esse período seria uma tarefa “singularmente complexa e que não pode apoiar-se apenas em certa constância dos elementos psicológicos, todos eles, contudo, apontando na direção de um objetivo central, que é o estabelecimento da identidade pessoal” (p. 44). Segundo os autores, a caracterização da adolescência pode ser resumida em:

- Redefinição da imagem corporal expressa na perda do corpo infantil e na consequente aquisição do corpo adulto (em particular, dos caracteres sexuais secundários);
- Término do processo de separação/individuação e substituição do vínculo de dependência simbiótica com os pais da infância por relações pessoais de autonomia plena;
- Elaboração de lutos referentes à perda da condição infantil;
- Estabelecimento de uma escala de valores ou código de ética próprio;
- Busca de pautas de identificação no grupo de iguais;
- Estabelecimento de um padrão de luta ou fuga no relacionamento com a geração precedente;
- Aceitação tácita dos ritos de iniciação como condição de ingresso ao *status* adulto;
- Emergência de funções ou papéis sexuais auto-outorgados, ou seja, consoante inclinações pessoais, independentemente das expectativas familiares e eventualmente (homossexuais) até mesmo das imposições biológicas do gênero a que pertence. (NETO; OSÓRIO, 2011, p. 45)

Neto (2011) *apud* NETO e OSÓRIO (2011) menciona o início da adolescência como um período marcado por muitas perdas e mudanças, ressaltando a perda do corpo infantil, para dar lugar ao corpo de adulto, além da perda dos pais idealizados. Nem todos passam com tranquilidade por esse período e cabe ressaltar que essa fase é diferenciada para cada cultura e grupo social a que o sujeito pertence. Alguns jovens passam por dificuldades para lidar com todas as mudanças que acompanham a adolescência e muitos precisam de ajuda. De acordo com Papalia e Olds (2000), é um momento de divergência entre os jovens e a condução dessa

fase os levará a uma vida adulta gratificante e produtiva ou a enfrentar problemas futuros. (p. 310).

Na medida em que avançam pela adolescência, a visão que se imagina que os outros têm a seu respeito passa a ser um motivo de grande preocupação, pois os adolescentes ficam muito estimulados a ganhar a aceitação dos companheiros e do grupo. Os autores Holland e Moretti (2012, *apud* JOHNSON; WHIFFEN, 2012) afirmam que essa situação os leva a agir de acordo com atributos ou crenças que não são as suas, na intenção de impressionar ou esconder pedaços de si que não são aceitos pelos demais.

Na relação entre irmãos adolescentes, é muito comum ocorrerem brigas e embates por diversos motivos, por objetos pessoais, por exemplo, que podem ter sido usados sem a autorização do dono, ou pela atenção de grupos de amigos e familiares. Em contrapartida, esses irmãos também compartilham muitos bons momentos de confiança e apoio.

O estágio seguinte à adolescência é o “lançamento dos filhos”. Nessa fase, a tarefa principal é se adaptar às diversas saídas e entradas para o sistema familiar, correndo o risco de a família “segurar” o último filho ou de os pais passarem a ter a sensação de “ninho vazio”.

Por fim, no caso das “famílias no estágio tardio da vida”, a adaptação ao envelhecimento é um desafio, além das inseguranças financeiras, do declínio da saúde, da dependência dos filhos adultos, da perda de um cônjuge ou outros membros da família e amigos.

Carter e McGoldrick (1995) chamam atenção para os estressores do Ciclo de Vida Familiar. Cada fase é marcada por crises previsíveis e imprevisíveis. A interrupção em uma fase do ciclo de vida da família pode interferir no desenvolvimento individual e do próprio grupo familiar.

De acordo com os autores, a família pode estar exposta a estressores "verticais" (também chamados transgeracionais) ou "horizontais" (desenvolvimentais). Os estressores verticais são normas e regras emocionais transmitidas através das gerações, são os padrões, segredos de família, atitudes, tabus, rótulos, legados, mitos e expectativas transmitidos de geração a geração. Já os estressores horizontais estão relacionados às transições do ciclo vital, podendo ser previsíveis (crises de desenvolvimento, inerentes à passagem de etapas do ciclo vital) ou eventos imprevisíveis, que podem romper o processo de ciclo de vida, tais como morte prematura, doença, divórcio, entre outros.

Os períodos de tensão e conflitos surgem periodicamente na vida de todas as famílias, e toda crise provoca uma ruptura temporária no equilíbrio do sistema familiar. Para que o



sistema se readapte, segundo Miermont (1994), deve haver uma reorganização das relações e a descoberta de novas regras de funcionamento familiar.

A morte de um membro familiar é compreendida como uma fonte de estresse, tendo como consequência o desenvolvimento de novas linhas de diferenciação entre seus membros. Por exemplo, com a perda do pai, o subsistema mãe-filhos deverá se reorganizar e assumir novos papéis, para que estes continuem levando suas vidas adiante.

### **3.4 Morte e Luto**

Diante da perda de algum membro da família, diferentes subsistemas são afetados. Minuchin (1982) aborda o sistema como mantenedor de si mesmo, afirmando que a estrutura familiar deve ser capaz de se readaptar diante de novas situações e circunstâncias.

A partir da morte de alguém, é necessário que haja uma mudança nos papéis, planos e possibilidades daquela família. Essa mudança acontece não somente em casos de morte, pois como afirmam Walsh e McGoldrick (1998), existem perdas em qualquer modificação que aconteça no ciclo de vida, mesmo aquelas que são esperadas e desejadas – como, por exemplo, o casamento, ou a aposentadoria – e estas precisam ser elaboradas.

Dentro do sistema familiar, uma mesma pessoa ocupa diferentes posições e funções> Sendo assim, de acordo com as configurações familiares, Walsh e McGoldrick (1998) *apud* Mendonça (2006) afirmam que:

(...) uma mesma morte pode envolver a perda, ao mesmo tempo, de um pai, um irmão, um cônjuge, um filho, ou um tio, pois uma mesma pessoa ocupa posições e funções diferentes no contexto familiar. Para as autoras, “de todas as experiências da vida, a morte impõe os desafios adaptativos mais dolorosos para a família como sistema e para cada um de seus membros individualmente, com ressonâncias em todos os seus outros relacionamentos.” (p. 07)

O rompimento decorrente da morte de um ente querido traz à tona questões relacionadas a perdas irreversíveis. De acordo com Kovács (1992), na situação de morte, duas pessoas estão envolvidas: uma é a pessoa “perdida” e outra é a pessoa que perde e lamenta essa falta, entendendo como um pedaço de si que se foi junto do outro, que, quando o luto é elaborado, fica internalizado nas memórias e lembranças.

As reações à morte têm suas especificidades em cada fase do desenvolvimento humano em que as pessoas se encontram. O comportamento das crianças que sofrem com a perda de um dos pais dependerá, além do estágio cognitivo de desenvolvimento em que estas

se encontram, da forma com que os adultos lidarão com elas e do grau de cuidados que elas perderam com a situação da morte. Conforme Walsh e McGoldrick (1998) essas crianças correm o risco de, na idade adulta, sofrerem consequências a curto e longo prazos, como “doenças, depressão e outros transtornos emocionais na vida adulta subsequente” (p. 65).

Para o adolescente, cujo distanciamento da influência e do controle advindo dos pais faz parte das tarefas evolutivas, a morte de um dos pais tende a ser complexa e rodeada por sentimentos conflitantes e muitas vezes negativos em relação a quem morreu (WALSH; MCGOLDRICK, 1998, p. 67). Segundo Erikson (1976), a perda de um dos pais traz consigo a possibilidade de comprometer o processo de aquisição da autonomia ou de independência.

De acordo com os estudos de Osterweis (1984), há uma distinção entre o comportamento de meninos e meninas que perdem os pais, mencionando que a morte de um destes faz com que o adolescente procure, em seus pares, modelos de atuação com a intenção de evitar a dor. No caso dos meninos, estes muitas vezes se retraem socialmente ou se voltam para o roubo, drogas ou brigas, ao passo que as meninas têm a tendência a se aproximarem das irmãs, ou passarem a sexualizar a relação com os pares, na tentativa de obter proximidade e de substituir o que foi perdido com a morte (p. 67).

De acordo com Carter e McGoldrick (1995), a doença grave ou morte de um dos pais pode impedir os filhos adolescentes ou jovens adultos dependentes de concluírem o processo de “independização mútua” dos pais e filhos. Interferindo não apenas no processo de conquista da independência do adolescente, bem como pode coloca-lo como um “substituto paterno em relação aos irmãos” fazendo com que este se mantenha muito envolvido pela família (p. 400).

Com o processo de luto após a perda de um dos pais, Silva (2009) menciona a difícil tarefa de adaptação aos novos papéis e funções:

A morte de um dos pais, ou de ambos, é ocasião bastante propícia para haver interferência intrusiva da família de origem de ambos os lados, inclusive com disputas judiciais pela guarda das crianças. A adaptação aos novos papéis e funções torna-se tarefa hercúlea. Nessas ocasiões, há uma maior possibilidade de que ocorram múltiplas perdas secundárias inerentes ao processo de luto que podem envolver queda brusca do padrão financeiro da família, mudança de residência ou cidade para ficar mais próximo de outros familiares que possam ajudar no cuidado com as crianças, entre outros. Contudo, se possível, é importante evitar mudanças de escola, de moradia, pois a rotina da criança já mudou muito (SILVA, 2009 *apud* OSÓRIO; VALLE, 2009, p. 389).

Quando a morte é inesperada (estressor horizontal), os efeitos parecem ser ainda mais intensos no desenvolvimento. De acordo com Brown (1995), quando um dos progenitores morre, as consequências para os filhos pequenos podem ser relacionadas a rupturas familiares e prejuízos no estabelecimento de novas relações e sentimentos de intimidade.

A morte como perda supõe um sentimento, uma pessoa e um tempo. É a morte que envolve basicamente, a relação entre pessoas. Se ocorre de maneira brusca e inesperada tem uma potencialidade de desorganização, paralisação e impotência (...) embora saibamos racionalmente que a morte é inevitável, este saber nem sempre está presente, fazendo surgir o paradoxo da morte (in)esperada. Em casos extremos a morte invade de tal forma a vida que passa a fazer parte dela (KOVÁCS, 1992, p. 150).

Em decorrência de uma perda, a estrutura familiar como um todo precisa passar por uma reorganização. O sistema existente antes da morte do membro já foi modificado e, de acordo com Walsh e McGoldrick (1998), a perturbação após uma perda não se deve somente ao sofrimento, mas também às mudanças no realinhamento emocional da família. Reiss & Oliveri (1980) também reforçam esta ideia (p.32).

O significado que se dá à morte varia de acordo com o grau de dependência emocional da família com relação à pessoa que morreu e com a função desta na família. Bowen (1998) descreve o impacto da morte funcional ou emocional de um membro da família como expresso pelo conceito da “onda de choque emocional”, a qual é tida como uma sequência de choques para o sistema, que podem ocorrer nos meses ou anos após um evento emocional importante para a família. Essa onda de choque, também mencionada nos estudos de Carter e McGoldrick (1995; 1998) ocorre em geral em famílias em que a dependência emocional não é olhada, e sim negada. Assim, quaisquer “problemas humanos” podem ser considerados sintomas dessa onda de choque, incluindo doenças físicas “desde resfriados, passando pelo diabetes, até problemas médicos e cirúrgicos agudos”; emocionais “desde depressão leve e fobias, até episódios psicóticos”; e sociais, incluindo “alcoolismo, fracassos na escola ou nos negócios, abortos e nascimentos ilegítimos”. “É como se a onda de choque fosse o estímulo que colocasse o processo físico em atividade” (p. 109).

Diante de todas as perdas que cada um passa em sua trajetória de vida, o luto é, no sentido mais simples, a reação das pessoas correspondente à dor sentida pela morte de alguém. Os costumes e rituais pós-morte variam entre as diferentes culturas e ao longo do tempo sofreram algumas modificações, apesar de alguns comportamentos básicos terem

permanecido constantes. Kubler-Ross (1996) descreve cinco fases desse processo de luto, sendo eles a negação e isolamento; raiva; negociação/barganha; depressão; e aceitação.

A forma com que as pessoas demonstram atualmente esse enlutamento foi estudada por Luna e Moré (2013), que mencionam esse fenômeno na contemporaneidade considerando que pouco se olha para as redes de relações sociais em que o indivíduo enlutado se encontra, privilegiando-se apenas a visão de que o luto é um sofrimento exclusivo de quem sofre a perda e de sua família (p. 22). Muitas vezes, o que acontece, segundo as autoras, é uma “higienização do processo de dor”, na qual o sofrimento é “empurrado” para quem o vivencia, levando todos os que o cercam a não se aproximarem muito, com receio de que haja uma contaminação e, principalmente, para “não serem entendidos como intrometidos em uma relação que, aparentemente, não tem nada a ver com eles e é da intimidade do sujeito que a sofre” (KOURY, 2003, p. 152 *apud* LUNA; MORÉ, 2013, p. 23).

Quando a vivência do luto envolve uma ambivalência e uma falta de clareza com relação ao que foi perdido, se foi perdido e quem se perdeu, Casellato (2005) a descreve como ainda mais complexa, mencionando que as perdas ambíguas fazem com que, pela falta de nitidez, seja gerada uma incerteza de como reagir na situação:

(...) as pessoas frequentemente não fazem nada, ou melhor, não expressam nenhum tipo de reação. Neste sentido, a perda que envolve ambivalência gera o luto não reconhecido, uma vez que passa a ser considerada ‘pequena e superável’, principalmente, quando comparada às perdas por morte, após determinada convivência e vinculação com a pessoa amada (CASELLATO, 2005, p. 24).

Contribuindo com o autor acima, Pauline Boss (1998) *apud* Walsh e McGoldrick (1998), nomeia como "perda ambígua" a falta de clareza relacionada à perda de um membro da família, gerando conflitos a respeito de quem está presente e ausente, física e psicologicamente, na família. De acordo com a autora, em seu artigo “Ambiguous loss theory” (2007), essa ambiguidade “congela” o processo de luto, impedindo, cognitivamente, o enfrentamento e a tomada de decisões referentes a esse processo, tornando impossível encerrá-lo.

Dos sentimentos comuns ao luto, Worden (1998) menciona estar em primeiro lugar a tristeza e, em segundo lugar, a raiva. O mesmo autor diferencia o luto e processos depressivos, considerando que em ambos se pode encontrar sintomas como distúrbio do sono, perda de apetite e tristeza intensa. Contudo, na reação de luto não acontece a perda de autoestima, muito comumente encontrada em quadros de depressão clínica.

Não é somente a partir da morte que são vivenciadas as reações do luto, pois mudanças no ciclo de vida familiar e individual, passagens significativas, casamentos, nascimento dos filhos ou mudanças de cidade, por exemplo, também remetem a esse processo. De acordo com Soar (2011), não podemos suportar essas perdas sem que passemos pelo processo de entristecimento e luto.

Ao longo desenvolvimento do ciclo vital acontecem inúmeras mudanças e transformações. De acordo com Silva (2009, *apud* OSÓRIO; VALLE, 2009), na adolescência comumente vemos situações como a perda do corpo infantil, alguns conflitos com as regras propostas pela sociedade e o rompimento de vínculos com amigos.

Diante das mudanças, transformações e perdas, é fundamental que o luto seja elaborado, mas nem sempre isso acontece com sucesso. Quando não se tem o processo de luto completamente elaborado, Luna e Moré (2013) propõem o termo “luto complicado” e afirmam que este é caracterizado por um conjunto de reações consideradas destrutivas para a vida cotidiana de quem o vive, muitas vezes, tornando a pessoa vulnerável. Dessa forma, a pessoa corre o risco de passar a ser entendida sob o olhar da doença mental. Nessas situações, o paciente irá até o consultório sem estar ciente de que o processo de luto não resolvido faz parte do estresse que vem vivenciando.

Existem alguns aspectos que podem indicar um luto não resolvido, propostos por Lazare (1979, *apud* WORDEN, 1998):

- Primeiro aspecto – a pessoa não consegue falar com tranquilidade sobre a pessoa que faleceu, sem que apresente sentimentos de luto intensos e recentes.
- Segundo aspecto – fatos menores que a morte podem desencadear uma reação de luto intensa.
- Terceiro aspecto – os temas da perda surgem em situação clínica. “é importante prestar atenção a tais assuntos, e quando eles tiverem relação com perdas, verificar a possibilidade de luto não resolvido” (p. 94).
- Quarto aspecto – a pessoa não quer mexer em pertences do falecido, como roupas ou preservar o ambiente exatamente como era quando a pessoa vivia.
- Quinto aspecto – apresentação de sintomas físicos iguais aos que a pessoa que faleceu apresentava.
- Sexto aspecto – mudanças radicais no estilo de vida, ou que excluam amigos, familiares e/ou atividades relacionadas à pessoa que faleceu.

- Sétimo aspecto – histórico de depressão subclínica marcada por culpa e baixa autoestima, ou falsa euforia subsequente à morte.
- Oitavo aspecto – imitação da pessoa falecida, principalmente quando não há o desejo desse comportamento. “Isto pode até mesmo incluir assumir as características da personalidade da pessoa falecida das quais anteriormente a pessoa enlutada não gostava. Por meio da imitação a pessoa enlutada pode tentar reparar a rejeição e obter a restituição” (p. 95).
- Nono aspecto – impulsos autodestrutivos, estimulados pelo luto não resolvido.
- Décimo aspecto – tristeza, aparentemente sem justificativa, em determinada época do ano, podendo ocorrer próximos a datas de falecimento, aniversário ou feriados que eram passados com a pessoa que faleceu.
- Décimo primeiro aspecto – medo da doença da qual a pessoa faleceu, ou medo da morte.
- Décimo segundo aspecto – nas circunstâncias da morte, se evita participar de rituais ou atividades relacionadas a essa morte, pode-se estar alimentando um luto não resolvido. “Isto também pode ser verdadeiro se eles não tivessem família ou outro apoio social durante o período do luto” (p. 96).

Diante de um luto não resolvido, e complicado, Worden (1998) propõe uma terapia do luto, que se diferencia do aconselhamento, no sentido de identificar e solucionar os conflitos que impedem a conclusão das tarefas do luto. A terapia do luto é mais adequada, de acordo com o autor, em situações em que a reação é manifestada como um luto prolongado; por manifestações por meio de sintomas mascarados, podendo ser somáticos ou comportamentais; e por meio de uma resposta exagerada. Dessa forma, o autor sugere uma lista com passos importantes para que seja realizada uma boa terapia de luto, deixando claro que estes devem ser executados dentro da estrutura teórica de cada terapeuta, neste caso, dentro das possibilidades de intervenção e olhar da terapia relacional sistêmica, a saber:

- Listar doenças físicas – com o objetivo de distinguir doenças físicas subjacentes ao luto e as dores físicas que aparecem como sintomas equivalentes à perda.
- Fazer contrato e estabelecer a aliança terapêutica.
- Reviver lembranças da pessoa que faleceu – iniciando com as lembranças positivas para que o paciente se sinta possibilitado de entrar em contato com as áreas negativas,

podendo falar sobre questões que machucaram, deram raiva e desapontamento. O mesmo ocorre quando somente lembranças negativas aparecem, possibilitando falar sobre as lembranças positivas e afetos.

- Avaliar quais das tarefas do luto não foram completadas.
- Lidar com o afeto, ou falta dele, estimulado pelas lembranças – quando passa a falar sobre a pessoa falecida, a descrição feita muitas vezes é “maior do que na vida real”, ou seja, idealizada, podendo ser o “melhor pai do mundo”, porém, de acordo com o autor, quando isso acontece, há:

(...) frequentemente uma raiva subjacente não expressa, raiva que pode ser trabalhada de maneira gradual pela investigação de sentimentos mais ambivalentes em relação à pessoa falecida e, finalmente, ajudando o paciente a entrar em contato com seus sentimentos de raiva. Uma vez que estes tenham sido identificados, o paciente precisa ser ajudado a ver que eles não impedem os sentimentos positivos que existem pelo fato de a pessoa se importar com aquela que faleceu (p. 103).

- Explorar e diminuir a tensão entre os objetos de ligação – “depois da morte, o enlutado pode atribuir a objetos inanimados um simbolismo que é estabelecido como um elo entre ele e a pessoa falecida” (p. 105).
- Reconhecer o caráter definitivo da perda.
- Lidar com a fantasia de terminar o luto.
- Ajudar o paciente a dizer adeus.

Ainda, o autor salienta que se o problema que permeia este luto não resolvido for uma raiva não expressa, é importante que essa raiva seja identificada, sentida, e que o paciente possa ser auxiliado a ver que os sentimentos de raiva não o impedem de sentir as coisas positivas e vice-versa (p. 108). Os objetivos da terapia de luto buscam ser atingidos por meio do fornecimento de um sistema de apoio, por parte do terapeuta, mediante uma boa aliança terapêutica, para que seja permitido que o paciente “fique de luto, permissão que o paciente não tinha em seu ambiente social anterior” (p. 100).

## 4 MÉTODO

### 4.1 Caracterização do estudo

Trata-se de uma pesquisa qualitativa na qual serão utilizados o método clínico e a técnica de estudo de caso, por meio dos quais será realizada uma reflexão a partir dos relatos de um caso advindo dos atendimentos psicoterapêuticos dos participantes.

### 4.2 Participantes<sup>1</sup>

Carlos iniciou a terapia com 12 anos de idade, estava cursando a 6ª série do ensino fundamental. Morava com a família de Mariana, sua irmã, após esta solicitar a sua guarda por motivo de violência praticada pela mãe dele. Carlos adorava desenhar e assistir *animes* (desenhos japoneses), como *Death Note*, *Another* e *Mirai Nikki*. Gostava de animais, adorava dias nublados e não gostava de sol, pois queria ser gótico. Tinha preferência por bandas de rock e metal – *Slipknot*, *System of a Down*, *Iron Maiden*, *Metallica* – e detestava funk e os funkeiros.

Mariana tinha 31 anos, trabalhava com tecnologia de informação. Morava em um bairro do litoral com sua mãe, um irmão mais velho e, também com Carlos. Sustentava financeiramente a família. Sua mãe foi diagnosticada como depressiva crônica e seu irmão mais velho não conseguia sair de casa em virtude de não ter trabalho. Até então, não havia tido nenhum namoro duradouro e mencionou que seria muito difícil sair de casa pela doença da mãe, mas gostaria de ter uma relação amorosa. Praticava yoga e meditação como filosofia de vida.

### 4.3 Procedimentos

Foram feitos registros de todas as sessões do paciente, incluindo tanto os relatos das sessões individuais, bem como das sessões com sua irmã. Os atendimentos aconteceram semanalmente com duração de 50 minutos, totalizando 20 sessões num período de seis meses, sendo 4 delas realizadas com os irmãos – Mariana e Carlos – e 16 individuais de Carlos – as quais serão descritas no caso clínico.

Para a realização da análise dos relatos dos atendimentos, realizou-se a leitura do material registrado, tendo como enfoque a questão do luto e das perdas.

---

<sup>1</sup> Foram utilizados nomes fictícios para preservar o sigilo acerca da identidade dos participantes.



#### **4.4 Considerações éticas**

A escolha da utilização do caso atendido para pesquisa foi feita após o encerramento do processo terapêutico. Para tanto, solicitou-se permissão de Mariana, que estava com a guarda legal de Carlos e assinou um termo de consentimento livre e esclarecido.

## 5 DISCUSSÃO E ANÁLISE DO CASO

### 5.1 Genograma

Para a elaboração da seguinte representação familiar, foi utilizado o *software* GenoPro. Alguns símbolos utilizados pelo *software* são diferentes dos utilizados por teóricos, entretanto, serão utilizados como referência para a leitura dos símbolos os autores McGoldrick e Gerson (1995, *apud* WENDT; CREPALDI, 2008), considerando a seguinte estrutura:

**João**, em um primeiro relacionamento com **Tânia**, é pai de **Mariana**.

**Tânia**, após a separação de **João**, relacionou-se com **A** e tiveram **Felipe**.

Em um segundo relacionamento de **João**, com **B**, teve uma filha, **Lívia**.

Num terceiro relacionamento, com **C**, **João** teve **Marcela**.

No relacionamento com **Claudia**, com a qual ficou casado até a morte, **João** teve dois filhos, **Carlos** e **Mateus**.

No momento dos atendimentos, **Carlos**, **Mariana**, **Felipe** e **Tânia** residiam na mesma casa em Florianópolis, enquanto **Claudia** e **Mateus** moravam juntos em São Paulo.

**Claudia** apresenta relacionamento violento com **Carlos** e **Mateus**.

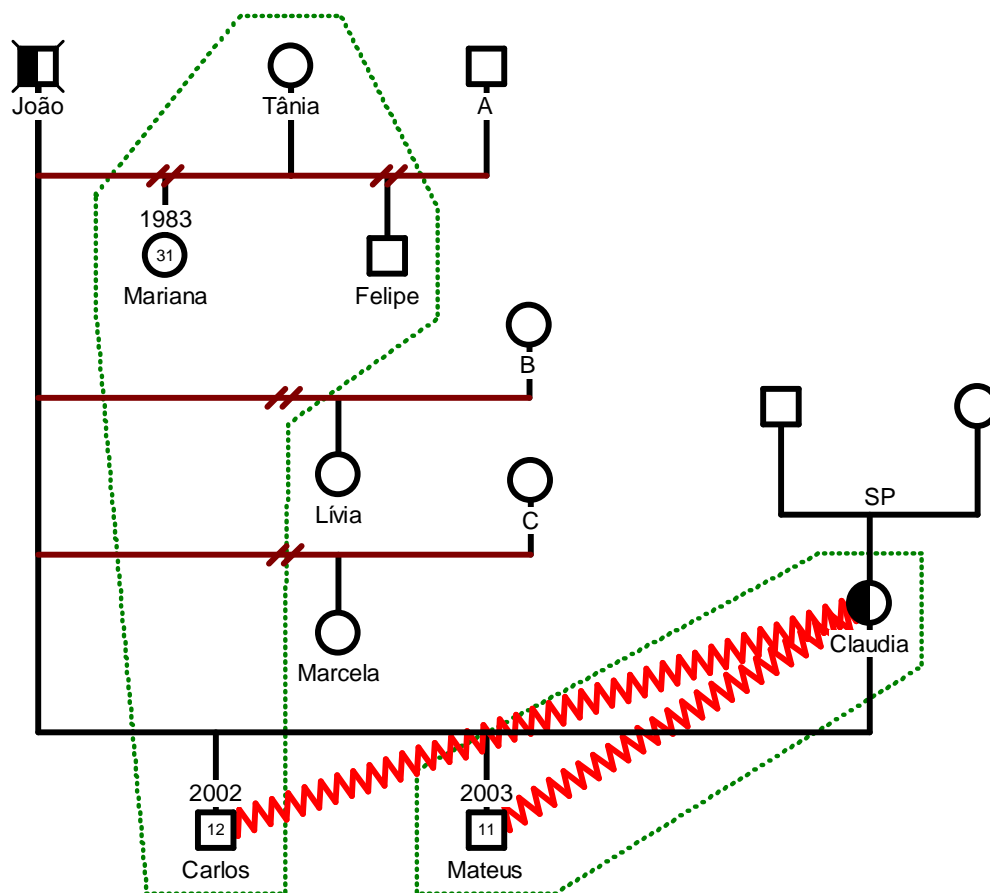




Figura 1 - Disponível em <<https://www.pinterest.com/pin/386887424212802558/>>

## 5.2 Caso Clínico

A partir da triagem realizada em setembro de 2013, Mariana entrou em contato com o Familiar Instituto Sistêmico em busca de atendimento psicoterapêutico para ela e seu irmão Carlos. O processo terapêutico iniciou com sessões de terapia familiar em que Mariana e Carlos eram atendidos juntos e pela mesma terapeuta. Porém, devido a demandas individuais que foram surgindo, a terapeuta pediu que Carlos iniciasse um processo terapêutico individual.

Mariana solicitou atendimento com a queixa de que o menino estava apresentando comportamentos de raiva. Entre as situações recentemente vivenciadas por Carlos, estão a morte do pai e a mudança de comportamento de Claudia, sua mãe, com relação a ele e ao irmão Mateus, destacando ainda a dificuldade que ele sentia em lidar com essa raiva, bem como as questões relacionadas a posicionamentos de Carlos com relação às pessoas diferentes dele – notadamente aquelas que gostavam de estilos ou músicas diferentes das que ele tem por preferência.

Como Carlos estava sofrendo negligência, além de violência física e psicológica advindas de sua mãe, a qual ficou muito modificada com a morte do marido, este pediu, após fugir de casa, que Mariana ficasse com ele. Em virtude desse fato, Mariana solicitou a guarda provisória do menino desde o início do ano de 2013. A mãe de Carlos, com a perda da guarda do filho, mudou-se para São Paulo para ficar com sua própria mãe. Assim, Carlos passou a residir com Mariana, Felipe e Tânia (irmão e mãe de Mariana).

Carlos dizia gostar da idéia de fazer terapia e que já havia feito em outro momento. Gostava de ver programas do *Discovery* sobre a vida dos animais, ou desenhos – *A Hora da Aventura*, *Simpsons*, *South Park* – além de desenhos japoneses, aos quais assistia no computador, pois estes eram televisionados em um horário que Mariana já não o permitia mais ficar acordado. Gosta de ouvir rock – *Slipknot*, *System of a Down*, *Iron Maiden*, *Metallica*, entre outros – e de desenhar, alguns dos seus desenhos são suas criações, e outros são cópias de revistas.

Desde que estava morando em Florianópolis, o menino estava matriculado no ensino fundamental, em um colégio da rede pública, no qual relatava ter poucos amigos. As outras crianças o chamavam de “bichinha, gótico, Xuxa, nerdão”. Costumava ir às aulas de blusa de manga comprida em razão de não querer pegar sol e também para se sentir “mais protegido”. Mariana costumava pedir para que ele não saísse dessa forma, mas Carlos dizia se sentir “meio estranho”. Entretanto, concordava para não brigar com a irmã.

Quando estava andando de ônibus, em “viagens longas”, Carlos afirmava ficar olhando para a paisagem e imaginando que existe um gigante destruindo tudo – se esse gigante pudesse destruir as coisas de que não gosta, ele destruiria as pessoas que maltratam os animais. Carlos relatou uma situação em que uns garotos maiores riam dele porque ele estava andando pela sombra, na qual disse não sentir nada, apenas imaginar que um cavalo os estava matando.

Sobre morar com a família de Mariana, Carlos relatava sempre ter que dar prioridade para Felipe e Tânia nas atividades cotidianas – citou como exemplos o fato de Felipe utilizar o computador para o trabalho e Tânia sempre estar assistindo televisão no quarto. Quando isso ocorria, ia para o seu quarto e ficava imaginando as coisas do mundo, como, por exemplo, a vez em que ficou olhando mapas e o atlas e imaginou os povos de cada local, desenhando depois suas armaduras e armas. Em outra vez, imaginou como seria o futuro, com alienígenas e naves espaciais.

Na sessão seguinte, iniciou falando que havia discutido com a irmã, pois não queria participar da gincana do colégio. Acabou indo à gincana, mas disse ter passado o tempo todo sentado em um canto imaginando que uns zumbis invadiam o planeta terra e destruíam a escola.

Nessa sessão, a terapeuta propôs utilizar uma técnica em que seriam elaborados 5 desenhos com tema livre. Foram disponibilizados giz de cera, lápis de cor, folhas e canetinhas hidrocor, para a atividade. Carlos avisou que não precisava dos materiais, pois somente utilizava lápis grafite para os seus desenhos. Desenhou a janela da sala de atendimento – que ficava logo em frente ao sofá onde estava sentado – e fez os detalhes da árvore que estava fora da sala. Durante toda a atividade, ficou em silêncio – aproximadamente 40 minutos. Concluiu o primeiro desenho faltando 5 minutos para acabar a sessão. Questionado sobre o desenho, Carlos disse ser “aquela janela” e relatou que havia feito o desenho exatamente como ele estava sentado olhando. Questionado sobre qual seria o segundo desenho, ele falou que seria uma mão desenhando a outra, mas que não daria tempo. Carlos disse que sempre demorava a fazer os seus desenhos e, se pudesse, teria feito o desenho da janela muito mais detalhado e cheio de jogo de sombras e luz.

Em outra sessão, Carlos levou uma pasta com seus desenhos. Explicou à terapeuta que todos tinham sido copiados de *animes* (desenhos japoneses), sendo que ele não tinha gostado muito de alguns. Os desenhos tinham expressões tristes ou apáticas e o único diferente era o de um gato, que estava sorridente. Mostrou que o seu desenho preferido era o de uma garota

que tinha um dos olhos cobertos por um tampão e estava segurando uma boneca cujos olhos estavam tapados com uma fita. Essa menina é personagem de um dos seus desenhos preferidos, que se chama *Another*. Falou, então, sobre os desenhos japoneses que costumava assistir, relatando que acreditava que a terapeuta não gostaria de vê-los, pois eram de terror, suspense e tortura. Disse não ficar assustado nem impressionado e que achava “normal”. O que Carlos não gostava e não assistia eram alguns desenhos que falam de amor e “essas coisas mais apaixonadinhas”.

Contou também de outro desenho chamado *Death Note*, no qual existe um diário em que se escreve o nome das pessoas que irão morrer, podendo-se escolher o tempo, a forma, a duração, o nível de sofrimento e a data da morte das pessoas.

Outra proposta utilizada durante o processo terapêutico foi a construção de um “mangá”, desenho em quadrinho japonês. Nessa sessão, Carlos contou que pensou sobre a ideia de construirmos e que já tinha construído os dois personagens principais, já tinha imaginado como seria a história e como eles seriam. Seria um *anime* de investigação, tipo Sherlock Holmes, cujos personagens seriam um detetive experiente e um novato. Antes de começarmos a escrever a história, Carlos explicou como se configura um mangá, que é um livro de quadrinhos que se inicia pelo final e cujos quadros são lidos de trás para frente.

Na sessão seguinte, ao início da construção do mangá, Carlos disse não querer continuar a escrever, pois tinha achado que a história não havia ficado muito boa. A terapeuta, então, perguntou se ele tinha alguma sugestão para aquele momento. Carlos pensou um pouco e falou que poderia, juntamente com a terapeuta, andar no pátio do instituto e procurar formigas para caçar. Depois disse ter pensado melhor e achado que não tinha “nada a ver”. A terapeuta questionou o que poderia ser feito com as formigas que fossem encontradas e ele falou que não tinha pensado sobre isso, mas que adorava animais e gostava de observá-los.

Falou sobre a escola e que andava interagindo mais com os amigos por conta de um jogo de bater cartas, no qual quem vira as cartas ganha todas as que foram apostadas. Iniciou com cartas que o amigo emprestou, as quais ele já pagara, e jogando conseguiu cartas para ele. Iniciou jogando com os meninos mais experientes e achava isso legal. Algumas sessões depois, falou que estava ficando muito bom no jogo de cartas, ganhando muitas cartas nas competições com os amigos, e que muitas vezes jogavam em sala de aula sem o professor ver. Acreditava que isso faria com que as notas diminuíssem um pouco, mas imaginava que valia a pena jogar. Supunha que, da mesma forma, não deveria pegar recuperação em nenhuma matéria, pois as notas do ano todo eram boas.

Carlos contou que Mariana tinha um gato chamado Kit, com o qual ela e Carlos eram muito ligados. Durante o processo terapêutico, Kit ficou doente e Carlos ajudou Mariana a cuidar do gato, pois sabia o quanto era importante para a irmã.

Por meio das sessões feitas com Mariana e Carlos, a irmã expressou cada vez mais a dificuldade que estava tendo em cuidar de Carlos, relatando que, após a morte do pai deles, tudo saiu do lugar. Contou que a mãe de Carlos começou a ter relacionamentos com homens estranhos e que embebedava os filhos para poder estar com esses homens. A mãe de Carlos assumiu que fazia isso por dinheiro e que não aguentava cuidar dos filhos sem o pai. Carlos, por sua vez, dizia sentir muito a falta do pai, pois era com ele que conversava e este ajudava muito a mãe.

Mariana comentou que estava cada vez mais difícil cuidar de Carlos porque, depois da morte de seu pai, sua mãe entrou em crise, tendo que sair do trabalho e ficando na perícia, o que diminuiu muito a renda familiar, ficando com ela e o Felipe, seu outro irmão, a responsabilidade de sustentar a casa.

Carlos se referia ao irmão de Mariana e sua mãe como pessoas que também precisavam fazer terapia, pois depois da morte do pai, todos na casa estavam em crise. Disse que Mariana parecia deprimida e que a via tentando ter forças para dar conta de tudo. Na família de origem de Carlos que estava em São Paulo, as notícias também eram de crise, pois seu irmão estava muito triste e sua mãe ligava só para brigar com a Mariana.

Retornando às sessões, Carlos falou que teve uma discussão com Mariana porque tinha comido de boca aberta. Carlos contava que, em geral, comia “uns quatro pratos de comida, mas poderia comer até uns onze”. Lembrou de uma situação em que estava com os avós maternos e a mãe em São Paulo. Nesse dia, estava tendo que caminhar na multidão, sob calor e sol, e os avós ficavam falando o que ele deveria fazer – se alimentar bem para não ficar magro, comer bem, estudar. Sentiu-se mal com isso, então comeu muito e vomitou.

Em outra sessão, em um dia nublado, Carlos iniciou falando que o dia estava “ideal” como ele gostava. “Poderia ser sempre assim”, disse lembrando-se do fato de não gostar de sol. Quando passou a morar em Florianópolis, ele contou que não tinha problemas com sol e que também gostava da praia. Na primeira vez que foi à praia, quando chegou, tomou banho de mar de roupa e tudo, porque estava fugindo de um cachorro e lembrou que alguém tinha falado uma vez que os cachorros não nadavam, então correu para o mar, mas o cachorro entrou também.

Carlos e seu irmão Mateus tinham idades muito próximas, 12 e 11 respectivamente. Carlos contou que Mateus sempre gostou de imitá-lo e isso muitas vezes o incomodava. Comprava um tênis e, quando via, o irmão tinha comprado igual. Às vezes brigavam, mas em diversos momentos também se davam bem. Lembrou que era muito ruim morar com a mãe e o irmão e disse que preferia morar em um abrigo a voltar a morar com eles. Falou que Mariana estava com planos de alugar um apartamento onde poderiam morar somente os dois.

Na oitava sessão, seguinte à notícia de que poderia morar somente com Mariana em um apartamento alugado, Carlos iniciou contando que havia brigado com a irmã e, por isso, talvez voltasse a morar em São Paulo com a mãe e o irmão. A briga aconteceu porque estavam caminhando e ele reclamou dos funkeiros que estavam passando na rua. Depois reclamou do som alto que estava tocando na igreja que eles passaram na frente e então brigaram. Mariana falou que ele deveria ser mais tolerante com as pessoas. Nessa sessão, Carlos disse não se preocupar com a volta para a casa da mãe, relatando ter boas expectativas – pediu para que a mãe fosse ao psiquiatra, para que se tratasse caso tivesse com algum problema.

Contou que antes a mãe batia e o agredia verbalmente, mas achava que, apesar de correr o risco de isso voltar acontecer, agora se sentia mais preparado e forte e que seguraria a mão dela para que não batesse. Agora dizia amar menos a mãe por muitas coisas que ela teria feito e por algumas coisas que descobriu relacionadas ao pai, mas não quis falar para a terapeuta o que eram.

Sentia-se mal por ter que voltar a morar com a mãe pelo fato de estar acostumado a morar com Mariana. Nessa situação, pensou em propor um acordo com a irmã para que ficasse em Florianópolis, relatando que teria algumas coisas que ele poderia aceitar fazer da forma que ela pedia, como, por exemplo, não usar somente roupas pretas ou não usar laquê no cabelo. Na casa da mãe, por outro lado, poderia dormir até tarde, jogar o dia inteiro, não precisaria fazer nenhuma tarefa de casa, faria o que quisesse. Em Florianópolis, disse sentir-se cuidado, porém a única coisa que afirmava querer era poder “viver do jeito que gosta”.

Acreditava que a irmã sempre fora certinha e que, por isso, ela esperava que ele fosse como ela, mas disse não ser responsável por ela ter sido assim, pois ele era diferente e não poderia agir da mesma maneira. Carlos disse que Mariana tinha expectativa de que ele tivesse somente boas notas, acima de 7. Passou a conversar mais com os amigos e jogar cartas durante a aula e, por isso, as notas diminuíram. Achava injusto, por ser um dos únicos alunos que já estavam passados no terceiro bimestre. Não queria fazer faculdade, queria ser



desenhista de mangás – “e para isso não precisa fazer faculdade e nem estudar quase nada, é só fazer um curso”. O garoto contou que, no intervalo do colégio, criou um mundo na sua imaginação, onde as pessoas pagariam proporcionalmente pelos crimes que tivessem cometido.

Após ter iniciado o período de férias escolares, Carlos contou que ficava o dia inteiro no sofá da varanda, coberto por inteiro com o edredom e lendo e dali só saía para comer e ir ao banheiro. Nesse período, lia revistas sobre turismo – leu sobre o Japão e Transilvânia (terra do Conde Drácula). Disse não sentir calor coberto na varanda, pois quando ficava nesse “casulo” ninguém o incomodava. Planejava ficar bastante tempo no sofá nas férias, dizendo que não tinha muita vontade de fazer nada. Imaginava que, sem aula, dormiria e acordaria tarde e ficaria mais tranquilo por não precisar estudar. Pensava que poderia fazer histórias em quadrinhos, ler revistas e construir um barco de papelão.

Durante todo o processo terapêutico, até o momento, Mariana não tinha certeza de querer continuar com sua guarda, comentava que Carlos estava ficando igual ao pai. As dúvidas quanto a continuar cuidando de Carlos eram frequentes e reforçadas a cada atitude considerada inadequada por ela. O que mais a assustava era a possibilidade de ele matar alguém de sua casa, pois havia pegado uma faca e mostrado para a mãe dela. Além disso, a desorganização de Carlos com suas coisas em casa e na escola faziam-na pensar sobre o assunto e comparar com a desorganização do pai. Ela sentia uma tendência a ficar deprimida, mas dizia não poder, em virtude de toda a família estar em crise e, por isso, pediu ajuda para ela e o irmão.

Ficava clara a desorganização do sistema familiar, pois após a morte do pai, as duas famílias que mais conviveram com ele estavam em crise, com problemas sérios tanto do ponto de vista financeiros como emocional. Além disso, Mariana não desejava permanecer com seu irmão por pensar que já tinha a própria mãe e seu outro irmão para sustentar e cuidar. A cada sessão pensava em pedir a anulação da guarda, porém, sentia a preocupação de que acontecesse com Carlos o mesmo que acontecera com o pai, ou seja, ficar pulando de família em família, sem ter um lugar que considerasse sua casa.

Carlos, por sua vez, mencionou ter pensado em fazer um acordo com a irmã para poder permanecer morando em Florianópolis. Para isso, poderia fazer “as maluquices” somente de vez em quando – usar touca e camisa de manga comprida no verão e xingar os funkeiros. Em compensação, faria coisas que a irmã queria. Acreditava que ela não estaria muito brava e que havia possibilidade de ela aceitar essas condições, achando mais fácil

deixar de fazer algumas coisas de que gostava do que voltar a morar em São Paulo com a mãe. Ainda que achasse que a mãe poderia ter mudado e que não mais bateria nele e no irmão, preferia morar com Mariana em Florianópolis a voltar a viver com a mãe. Contudo, tinha medo de fazer a proposta para Mariana e ela negar e decidiu esperar que ela tocasse no assunto para falarem sobre isso.

Na semana seguinte, contou que passara bom tempo no sofá, coberto e sozinho, pensando no que tinha acontecido e construindo “seu mundo”, colocando prédios e montando o terreno. Falamos sobre esse mundo e Carlos disse estar montando a parte inicial dele. Teria uma parte onde seria uma ilha e ele precisava de ideias para construção de uma ponte, que seria uma “megaponte, onde passarão metrô, carros e terá tipo docas onde terão lojas e restaurantes, será revolucionária”. O garoto, então, desenhou como ficaria e explicou à terapeuta onde seria cada coisa – hospital, moradias, um *resort*, favelas.

Carlos não via a hora de ter 16 anos para ser emancipado e poder trabalhar. Achava que, quando pudesse fazer o que quisesse, deveria viver até os 50 anos, porque não comia muitas coisas saudáveis e gostava de comer besteiras, como “*Doritos*, pizza, lasanha, *Coca Cola*, café”. Falou que, nas últimas horas do ano de 2013 e primeiras de 2014, fez um desenho do *Death Note*. Fez o personagem principal, que é o deus da morte. Escolheu esse desenho aleatoriamente. Fez também em 2014 um desenho que inventara, o qual consistia em cachorros que comiam espíritos de todos os tipos.

Nesse período, deu sequência à construção do “seu mundo”. Iniciou a construção de um porto, com docas, aeroportos e um *resort* – “tudo é muito grande”. Desenhou e mostrou como estava.

Na décima segunda sessão, antes de iniciar, Mariana pediu para conversar com a terapeuta de Carlos, individualmente. Nessa conversa, ela contou que ficou decidido que Carlos voltaria para São Paulo para morar com a mãe. Mariana disse até ter ido ao fórum pedir a revogação da guarda. Nessa sessão, Carlos falou que ele e a irmã estavam brigados e que Mariana não tinha gostado de algumas coisas que ele havia feito, por isso voltaria para São Paulo. Foi falado sobre as expectativas dessa volta e os sentimentos que ele tinha com relação à situação.

Disse também ter sentido um pouco de “raiva instantânea” de Mariana, mas “em geral” a ama, por ela ser uma irmã-mãe. Quando soube da notícia, Carlos disse ter ficado um pouco triste, pois sentiria saudades das coisas que tinha aqui, como da casa, dos amigos, até da escola, que ele avaliava como chata, do Kit, o gato, que havia feito uma cirurgia

recentemente e ele esperava que o animal se recuperasse bem antes de ir embora, para que pudesse ir mais tranquilo.

Tinha a sensação de estar abandonando Mariana, porque sabia que ela passava por dificuldades com relação ao irmão e à mãe dela. Não gostaria de deixá-la sozinha, mas entendia que a decisão de mandá-lo embora fora dela. Disse que, antes de ir, agradeceria por tudo o que Mariana fizera por ele e pediria desculpas por todas as coisas ruins que ele teria feito.

Acreditava que, nesse tempo morando com Mariana, tinha adquirido forças para poder proteger-se e ao irmão e que havia se tornado mais amigo, menos preguiçoso, além de ter aprendido a fazer muitas coisas que não fazia – lavar louça, fazer comida, café. Poderia apresentar novos jogos para o irmão e imaginava que este também teria coisas novas para mostrar. Tinha expectativas de que a casa onde iria morar fosse grande e que nela teria seu próprio quarto. O irmão tinha um videogame que eles poderiam jogar.

Foi conversado na mesma sessão a respeito das responsabilidades da mãe e como ele poderia avaliar e pedir ajuda para alguém caso essas responsabilidades não fossem cumpridas. Falou que tinha a avó que morava perto. Disse ter medo de ficar sozinho em casa, principalmente à noite, porém, teria o irmão para ficar com ele caso a mãe saísse.

Não sabia como encontraria o irmão, mas caso ele gostasse de funk ou sertanejo, tentaria “transformá-lo”. Quando questionado se ele agiria como Mariana, que tentara “transformá-lo” com relação ao “amor por todas as pessoas e suas maluquices”, Carlos disse que a irmã não conseguiu transformá-lo 100%, mas que ele conseguiria transformar Mateus.

Nos últimos relatos de Mariana, foi trabalhada a culpa que esta sentia em estar devolvendo Carlos para a mãe, mesmo sabendo que esta não havia modificado. No entanto, Mariana não aguentava mais lidar com tanta inconstância na família. Precisava cuidar um pouco de si, pois estava ficando doente física e psicologicamente.

Inicialmente, os atendimentos teriam sido encerrados, porém, depois de três semanas, Mariana informou que Carlos ainda não havia voltado para São Paulo, pois o processo tinha algumas questões burocráticas demoradas, embora já estivesse tudo encaminhado. Assim, ela solicitou que a terapeuta continuasse atendendo o menino.

Na sessão de retorno, então, Carlos contou que o ano letivo da escola já havia iniciado e ele tinha que frequentar as aulas. Não tinha material novo, pois, como voltaria para São Paulo a qualquer momento, não comprara nada. Falou que os colegas da escola continuavam os mesmos e que continuava tendo poucos amigos. Falou sobre um desenho que fez de um

personagem que é “nível 200, muito forte e tem poderes”. Contou ainda que continuava a construção do “mundo” e que agora ele tinha umas novas “mini-ilhas” nesses locais, tinha uma vila de pescadores, onde tinha praias e que podia ser uma futura cidade.

Após a sessão anterior, por motivos de cancelamento por parte de Mariana – doença e problemas com o deslocamento até a clínica – Carlos retornou ao atendimento depois de um mês. O processo judicial para reestabelecimento da guarda para a mãe ainda estava correndo, e continuava sem prazo para ir embora. Nessa sessão, Carlos falou que estava bravo com o processo judicial, porque sempre estavam colocando prazos a mais para a juíza autorizar a volta dele para São Paulo. Em suas palavras, ele dizia que estavam demorando “10 mil anos” para isso. Com essa expectativa, Carlos relatou saber que o que fazia na cidade eram coisas provisórias, tanto que já contara para alguns amigos que se mudaria e alguns deles questionavam constantemente se ele iria mesmo e quando iria.

O menino disse também que fazia tempo que não conseguia falar com a mãe e nem com o irmão, mas que tinha planejado mostrar jogos novos, quadrinhos e bandas para o Mateus. Este também havia dito ter coisas novas para mostrar – muitos jogos videogame que eles queriam há muito tempo e que agora ele tinha em casa.

Na penúltima sessão, Mariana pediu para entrar na sala com a terapeuta antes que Carlos fosse atendido e relatou estar preocupada com o comportamento do garoto, que vinha apresentando alguns desvios de conduta, como invadir uma construção e quebrar coisas, brincar de desmaiar na escola e roubar doces em um supermercado. Tentou conversar com o irmão, mas a conversa não teve efeito e então ela falou que gostaria de pedir para que a terapeuta buscasse ajudá-lo com essas questões de “sair do limite”. Após a conversa com Mariana, em que a sua preocupação foi acolhida, iniciou-se a sessão com Carlos, que disse imaginar o que a irmã havia contado e continuou a falar sobre as coisas que tinha feito.

Relatou que, no final de semana, estava com um amigo jogando frutas nos carros que passavam na rua e viram que tinha por perto um prédio em construção. O amigo falou que queria entrar e ele foi junto por não querer ficar sozinho. Quebraram algumas lâmpadas, destruíram um isopor, brincaram de tiro ao alvo em madeiras, acharam escadas e invadiram um local que estava trancado, onde encontraram as roupas dos trabalhadores, mascaras de gás, e fizeram “lutinhas” – encontraram uma foice e um serrote como armas. No dia seguinte, eles foram novamente ao mesmo local, quebraram algumas coisas, acharam um pacote de bolacha que deveria ser dos trabalhadores e comeram. No terceiro dia, levaram mais dois amigos, porém, dessa vez tinha um funcionário da obra os esperando com um facão. A polícia foi

acionada e os levou para casa. Quando questionado sobre o que havia sentido nessa situação, Carlos disse ter sido muito legal. Quando o trabalhador os encontrou, no terceiro dia, disse ter ficado tranquilo e que inventou uma história falando que estavam jogando bola e que foram procurá-la dentro do prédio, dizendo se “fingir de menino inocente”.

Carlos disse ter pensado que poderia morrer quando viu o cara com o facão, pois o cara falou que tinham planejado pegar os vândalos que estavam quebrando a construção para espancá-los. Nesse momento, ele chorou e teve vontade de fugir. Quando a polícia chegou, disse se sentir mais tranquilo, pois sabia que o cara do facão não faria nada contra eles.

Além de entrar na construção, Carlos contou que tinham roubado bolacha em um supermercado, quebraram o registro de água da casa da vizinha, estava fazendo “coisas para desmaiar” na escola, como trancar a artéria do pescoço até desmaiar.

Questionado sobre o que estava sentindo para fazer essas coisas, ele respondeu que “o fato de ser perigoso deixa tudo isso mais legal e dá mais vontade de fazer”. Contou também que teve uma situação em que ele não poderia ir à praia, mas uma menina o convidou e ele foi mesmo assim. Nadou de cueca, depois colocou a roupa e ninguém nem desconfiou. Mesmo com algumas dessas coisas colocando a sua vida em risco, Carlos disse que, se morresse, teria morrido feliz, “morrido fazendo alguma coisa legal”. Acreditava que, se tivesse alguma coisa mais divertida pra fazer em casa, poderia não aprontar tanto, pois, segundo suas palavras, “um pouco eu desconto a raiva daquele momento que eu esperei muito pra usar o *tablet* e quando chega na hora eu falo que vou usar e elas falam que não. Aí jogar alguma coisa pela janela e ver algo estraçalhar é bom”.

Questionado sobre outros sentimentos que estivessem dentro dele, juntamente dessa raiva, Carlos disse que, dos 100% possíveis, a raiva ocupava 95%, outros 4% eram dó e piedade e 0,4% talvez fosse amor. Falou que, se sentia raiva, é porque as coisas não estavam boas, mas também sentia medo de ficar sozinho e de ficar sozinho no escuro.

Na sessão seguinte, Carlos iniciou falando que tinha esquecido de relatar outra coisa que havia “aprontado”. Ele e o amigo tinham desligado a luz da casa da vizinha e quebrado “sem querer” o registro de água. Mariana descobriu e pensou que tinha acontecido naquela semana. Nesse período, foi expulso do colégio depois de ter sido encaminhado várias vezes para a diretoria – o amigo tinha levado uma buzina para a escola e ele ficou fazendo barulho, por estar sem uniforme na aula de educação física. Além disso, na aula de português ele fez um desenho, a professora o viu mostrando para os amigos. Também arrancou todas as folhas usadas do caderno, enrolou uma borracha nas folhas e jogou em um menino. No mesmo dia,

escreveu “me chute” num papel e colocou nas costas de outro menino, que foi chutado por todo mundo, e ele disse ter levado a culpa sozinho.

Por outro lado, contou que tinha acontecido uma coisa boa: fez uma pintura em aquarela para a aula de artes e a professora elogiou bastante. Era um desenho de rosas negras e cinzas e a professora pediu para que ele falasse como fizera a atividade para as outras turmas da escola. Essa mesma professora, em outro momento, expôs os desenhos dele na mostra cultural na universidade federal.

Quando questionado sobre a raiva naquela semana, Carlos disse ter pensado em fugir de casa, entrar na construção do prédio e destruir tudo, além de quebrar o registro de água e luz da casa da vizinha. Porém, estava sozinho e, se o amigo estivesse passando por ali, achava que teria ido. Disse também ter pensado nas coisas ruins que poderiam acontecer se fosse em frente nos seus planos e nas coisas boas que poderiam acontecer se desistisse, sem pensar nas consequências positivas de ter ido e nem nas consequências negativas de ter ficado em casa.

Sobre os motivos para essa raiva ter entrado na vida dele e permanecido até hoje, Carlos lembrou que “aconteceram coisas muito ruins na minha vida, umas coisas e outras desencadearam e me deram raiva”. Carlos disse que o objetivo da raiva dele era protegê-lo e fortalecê-lo para situações futuras. Mesmo o colocando em situações de risco, essa raiva estava lhe ensinando a poder controlá-la no futuro, em situações maiores “como se tiver com raiva de um chefe ou alguma situação parecida”.

A terapeuta lembrou que ele tinha falado que, mesmo perto de uma raiva proporcionalmente muito maior do que o amor, ainda existia um pouco de amor. Carlos disse que sim, que ainda amava algumas pessoas. Questionado se esse amor já fora maior, o menino respondeu que sim, na época em que morava com os pais no Rio Grande do Sul, onde o pai ainda era vivo.

Ele então falou de algumas histórias desse sítio, sobre os acampamentos que fazia com o irmão, das “provas de sobrevivência” que criava, dos morros que subia de bicicleta, da cachoeira que tinha uma água limpa e fria. Contou que tinha muitos animais, bois, onças, javalis. Muitas árvores, pinheiros, eucaliptos. Em todas essas histórias, Mateus era o seu “seguidor”. Contou também que tinha um açude onde eles pescavam para poder dar os peixes para os gatos comerem.

Lembrou que ele e o irmão tinham um jipe a bateria e que somente ele podia dirigir. Aprendeu a dirigir em um carro com o pai, que o deixava guiar sentado em seu colo quando estavam em uma rua pouco movimentada.

A terapeuta perguntou o que tinha acontecido com todas essas coisas boas que ele relatou e que hoje se transformaram nessa grande raiva, ao que Carlos respondeu que as coisas que seu pai havia construído tinham sido vendidas aos índios que moravam próximos. Assim um lugar lindo, aconchegante e com boas histórias passou a ser um lugar feio, escuro vazio e todas as coisas boas tinham ido embora e morrido junto com o pai. Depois disso, ele falou que sentia raiva dos índios, do senhor que cuidava da propriedade, sentia raiva dos inimigos do pai. É interessante acrescentar que, nessa época do sítio, Carlos tinha entre sete e nove anos de idade.



Figura 2 - Disponível em <<https://www.pinterest.com/pin/468585536199687878/>>



## 5.3 Análise e discussão do caso clínico

### 5.3.1 O paradoxo

Faz-se necessário esclarecer que a análise do presente estudo será um recorte, pois buscar-se-á entender a questão do impacto da morte do pai na vida de Carlos. No entanto, entende-se e percebe-se que este caso possui outras temáticas interessantes a serem estudadas, como, por exemplo, a relação fraterna, a questão da inserção do adolescente em outra família, a questão judicial e sua influência na vida dos participantes. Porém, a análise do caso foi realizada levando em consideração o processo terapêutico, com foco principalmente nas perdas e o luto na vida de Carlos.

A partir disto, a hipótese levantada para o processo terapêutico foi a necessidade de trabalhar a elaboração dos temas da morte, das perdas e do luto, pois as histórias relatadas foram todas referentes a esses temas.

Carlos apresentava muita clareza e maturidade quando falava sobre os acontecimentos de sua vida, usando palavras muito intelectualizadas e se comunicando como “um adulto”, fazendo associações rápidas e pertinentes que não condiziam com sua idade. Seus sentimentos e emoções não apareciam em suas falas, porém, seu corpo rígido e endurecido mostrava uma contradição entre a fala e a emoção. Por essa contradição, pode-se levantar a hipótese de que alguns mecanismos de defesa estavam sendo utilizados, como a negação<sup>2</sup>, a racionalização bem como a intelectualização com o intuito ajudar a suportar toda a dor que sentia.

O garoto causou rapidamente uma empatia por partes das pessoas da clínica com as quais teve contato, mostrando-se sempre muito educado, conversando de uma forma a não transparecer tudo que estava acontecendo com ele, mostrando novamente uma contradição, pois na escola, em casa e outros locais provocava muitas confusões e agressões. A partir dessa observação, pode-se dizer que o Carlos de alguma forma se dividiu em dois lados: um meigo e educado, e outro “demoníaco” como o paciente denominava. No entanto, esses lados apareciam em momentos diferentes, indicando sua desintegração.

Apesar da idade e do momento do ciclo de vida em que se encontrava, Carlos apresentava um corpo infantil, embora sua postura fosse de um adulto. Fisicamente, era um menino branco, olhos claros, cabelos lisos, loiros e compridos. No entanto, se vestia de preto

---

<sup>2</sup> A palavra negação está sendo utilizada dentro do conceito de mecanismos de defesa do ego, da Ana Freud, bem como racionalização, deslocamento, projeção e outros.

e roupas de mangas longas em dias quentes, o clássico visual “revoltado” usado pelos adeptos do *Heavy Metal*. O paradoxo personificado.

Essa adesão ao *Heavy Metal* é um ponto significativo e pouco desenvolvido, embora já discutido por outro trabalho do Instituto Familiar. Existe diversos pontos de convergência entre esta monografia e o trabalho “*Homens de 30 a 40 anos e o heavy metal extremo: uma válvula de escape*”, de Gonçalves (2014). Segundo a autora, existe uma correlação nas narrativas dos participantes entre o momento e os sentimentos com relação à família de origem, e o encontro com o mundo do metal.

Os dois assuntos – metal e família, são considerados por estes dois sistemas que, a partir dos nove aos doze anos, começaram a se co-construírem, isto é, como dois sistemas que se desenvolvem em paralelo e se retroalimentam. Nas primeiras falas, aparecem respectivamente os seguintes temas: a valorização e influência do irmão mais velho, a morte do pai, as mudanças constantes de cidade da família e, no último participante, a questão de abandono (afinal, quem o criou foi a irmã adotiva) misturada com o orgulho/raiva de ter conseguido sair de uma situação financeira muito simples, mas continuar tendo a mesma postura simples dos pais, revelando uma espécie de lealdade a eles.

Isso parece mostrar como a família é uma referência para estes participantes, seja qual for o tipo de relação desenvolvida entre os participantes e suas famílias. Além disso, é interessante notar que a história de suas relações com as famílias, desde o começo, já se misturam com a relação que esses homens têm com o metal. (p.50)

Pensando Carlos como o paradoxo personificado, vendo sua contradição visual, a negação dos sentimentos e entendendo o *Heavy Metal* como uma metáfora para a expressão do mundo interno do paciente e, principalmente, o mundo do metal como a expressão da escuridão da alma, das dores insuportáveis, de tudo que é sujo e precisa ser escondido, de todos os sentimentos e emoções não aceitas pela sociedade, conforme o estudo citado, neste caso, ficou explícita a necessidade de trabalhar os sentimentos e integrá-los para que Carlos pudesse amenizar a visão de mundo do “tudo ou nada”, do “escuro e claro”, ou seja, das dicotomias que este já apresentava.

Corroborando ainda o estudo acima, percebe-se que as perdas sofridas por Carlos o levaram a tentar expressar seus sentimentos contraditórios e ambíguos, como os participantes da outra pesquisa na mesma idade, por meio da música, do visual, dos jogos ou filmes, dos símbolos diabólicos e de tudo que pudesse amedrontar aos outros e torná-lo alguém poderoso e importante frente aos grupos com os quais se relacionava. Ninguém tinha como não vê-lo, pois se não o acolhessem e gostassem dele, ainda assim, seria notado. A sua tentativa de ter

poder fica mais clara por meio da fala abaixo sobre o desejo de ser a boneca de um dos seus *animes* favoritos – *Death Note* – trazida em formato de um desenho em sua pasta de ilustrações, onde uma menina segurava uma boneca com um olho tampado: “as bonecas são ocas e vazias e guardam dentro delas o mal. O olho tapado da menina é de boneca e pode ver a morte das pessoas, como eu queria isto”. E continuando sua necessidade de poder sobre a vida das pessoas, ou seja, uma maneira de controlar as suas perdas e dores, outra fala importante citando o poder que gostaria de ter:

(...) se eu quisesse que ele (funkeiro) morresse... mas antes, ficasse de cueca andando na rua, agindo como uma ‘bichinha’, ele poderia. Depois um carro batesse nele e ele desenhasse uma estrela no chão com sangue antes de morrer. Se não quiser dar detalhe nenhum, a pessoa morre em 40 segundos de ataque cardíaco.





Figura 3 - Disponível em <<https://www.pinterest.com/pin/483503709970498670/>>

### 5.3.2 A morte do pai e a tentativa de reequilíbrio do sistema

Essa necessidade de controle sobre a morte perpassou todas as sessões e, por isso, entendeu-se que Carlos estava passando por um processo de luto não resolvido, com o subtipo proposto por Worden (1998) – “Luto mascarado como sintomas somáticos ou de conduta” – em que a pessoa não tem consciência de que os sintomas que está vivendo tenham relação com essa não resolução do luto. Esse sentimento não resolvido está relacionado ao tipo de perda que adveio.

Dentre os aspectos que indicam um luto não resolvido, propostos por Lazare (1979, *apud* WORDEN, 1998), estão a aquisição de comportamentos semelhantes aos da pessoa que morreu, incluindo características das quais a pessoa enlutada não gostava, para que, por meio dessa imitação, possam ser reparados e restituídos aspectos relacionados à rejeição dessas características. Pode-se perceber esse processo de assemelhamento acontecendo no caso de Carlos, quando sua irmã Mariana fala sobre a necessidade de cuidar um pouco de si, pois estava ficando doente física e psicologicamente, relatando sobre as dificuldades que estava tendo com a inconstância na família e que a semelhança de Carlos com seu pai aumentava a cada dia. Em suas palavras:

(...) e se ele ficar igual ao pai? Não tenho como fazer pra não acontecer. Infelizmente! Mas por um lado, nosso pai foi um excelente pai, mesmo com suas loucuras. Além disso, eu e o Carlos puxamos o lado dele criativo e acho que Carlos poderá se dar bem com isto. Penso e rezo que a mãe dele, quando o ver assim, assim tão parecido com nosso pai, até fisicamente, vai se equilibrar novamente. Só posso rezar para que ele cresça melhor que nosso pai, mas não tenho mais condições, estou exausta. É muita loucura, esta história de querer tomar sangue, de só falar em morte, de não gostar de ninguém, de parecer não sentir nada, nem culpa por nada, de me deixar com medo dele. (...) se mostra muitas vezes sem limites, sem regras, com uma imaginação muito ampla. Parece que não consegue estar com ninguém, igual ao nosso pai.

A semelhança que Mariana aponta estar sendo desenvolvida por Carlos pode ser entendida como uma tentativa de o sistema tentar voltar ao seu equilíbrio anterior, ou seja, Carlos passaria a ocupar a lugar que seu pai representava na dinâmica do sistema.

Cabe a reflexão acerca de famílias de pessoas com algum tipo de doença que necessite de cuidados, como no caso de João, diagnosticado com esquizofrenia, em que a situação de perda pode ser chamada de perda ambígua, portanto, é uma perda que ainda não está clara (BOSS, 2007). O fato de um ente querido estar “ambiguamente” presente ou ausente, vivo ou morto, é traumatizante para a maioria dos indivíduos, de acordo com a autora. A ambiguidade

congela o processo de luto e impede que aconteçam o enfrentamento e as tomadas de decisão fundamentais ao processo. Os membros da família não têm outra opção senão a de construir sua “própria verdade” sobre o estado da pessoa ausente e, sem informações para esclarecer a perda, não há escolha a não ser viver com o paradoxo da ausência e presença.

João morreu após sofrer um infarto causado pelo uso de cocaína. Foi uma morte inesperada, apesar de a família estar ciente de que ele tinha diagnóstico de doença mental e problemas com drogas. Nesse caso, a perda de João aconteceu de forma repentina, portanto Walsh (2005), em seus estudos, afirma que, quando a morte de alguém acontece de forma inesperada, a família não tem tempo para se preparar para essa perda e lidar com situações que ficaram inacabadas ou em aberto. Não há oportunidade para se despedir. Ainda a autora afirma que os filhos que passam por perdas precoces de pai ou mãe, como ocorreu com Carlos, correm o risco de sofrer consequências a longo prazo, como depressão ou outras perturbações emocionais na vida adulta. Estão sujeitos, da mesma forma, a passar por dificuldades relacionadas à formação de relacionamentos íntimos, passando por medo de sofrer uma separação ou abandono.

Além disso a mesma autora citada menciona que o estado emocional em que o pai/mãe sobrevivente se encontra será fundamental para a elaboração do luto do filho. No caso de Carlos, sua mãe, ao perder o marido, pareceu não conseguir suportar emocionalmente essa perda, ficando com problemas emocionais graves, chegando a ser diagnosticada pelos psicólogos do processo judicial com personalidade *borderline*.

Com a morte de João, de acordo com relatos feitos por Mariana e Carlos, tudo mudou. Inclusive a vinda de Carlos, sua mãe e Mateus para Florianópolis nessa época foi em virtude de perderem tudo e quererem estar perto de Mariana, a irmã mais próxima afetivamente que ele tinha. Interessante ressaltar que, apesar de João ter passado por cinco casamentos diferentes, ele tentou fazer com que os irmãos dessas relações tivessem contato e afeto e, mesmo quando ficava sumido, isso era incentivado. Foi dessa maneira que Mariana e Carlos desenvolveram um vínculo afetivo forte.





Figura 4 - Disponível em <<https://www.pinterest.com/pin/316659417524684503/>>

### 5.3.3 Mudanças após a morte

Com a mudança para Florianópolis, Carlos pediu a Mariana que ficasse com ele, pois não suportava mais a negligência e a violência advindas da mãe, queria fugir de casa, sumir. Foi encontrado por Mariana na rua, correndo, chorando e com marcas das agressões. Devido a esse fato, Mariana entrou com processo de solicitação da guarda provisória do menino. A mãe de Carlos, com a perda da guarda do filho, mudou-se para São Paulo para ficar com sua mãe. Percebe-se aqui que Carlos ocupava a posição de filho parentalizado<sup>3</sup>, cuidava de seu pai, de sua mãe e do irmão mais novo. Seu único apoio em São Paulo era sua avó materna. Nos relatos dele, ela desempenhava o papel da figura que ajudava na construção da autoestima, que valorizava Carlos e dava suporte para ele conseguir lidar com tantas complicações em sua família. Mesmo de longe, Mariana também fazia a mesma função da avó, mandando *emails* e telefonando para falar com os irmãos.

Segundo os relatos de Mariana, observa-se que, bem como Carlos, esta desempenhou o papel de filha parental. Após a separação de seu pai e sua mãe, ela ficou responsável por sua mãe, que tinha “crises nervosas”. Contudo, essa situação se agravou depois da morte de João, pois Tânia entrou em crises depressivas graves, tendo que sair do trabalho e ficando em perícia, o que diminuiu significativamente a renda familiar. Felipe, seu outro irmão, também passou a apresentar uma dificuldade de se manter nos empregos. Sendo assim, a responsabilidade de sustentar a casa, e agora Carlos, ficou apenas para Mariana.

A relação do garoto com a irmã Mariana foi importante para que ele não fosse abandonado totalmente e sofresse consequências piores. O suporte que Carlos sentia ter que dar a Mateus, seu irmão mais novo, e a possibilidade de uma nova vida ao lado de Mariana, proporcionaram uma forma de superação da situação vivenciada por Carlos. Apesar da dificuldade de elaborar tantas perdas, Carlos e Mariana conseguiram suportar juntos, um cuidando do outro, a morte do pai e todos os problemas advindos desse fato.

Após a morte do pai, Carlos passou por várias perdas em sua vida. Perdeu a mãe emocional e judicialmente; o lugar onde morava que foi vendido e tomado pelos índios; a avó, a qual viu pela última vez na situação em que foi embora de onde morava; os animais de estimação que tinha enquanto morava com a família; o irmão Mateus, que permaneceu

---

<sup>3</sup> O conceito de filho parentalizado é entendido aqui conforme Fortunato e Trindade (2011, *apud* GONÇALVES, 2014), ou seja: “o filho parentalizado no sistema familiar é aquele que passa de protegido a protetor, ou seja, do subsistema fraterno, ele passa a integrar o subsistema parental, pois assume atividades que o responsabilizam pelo cuidado dos irmãos” (p. 88). Vale acrescentar que, além dos cuidados com os irmãos, muitas vezes esse cuidado é estendido a um dos pais.



morando com a mãe depois do pedido de guarda de Mariana; a cidade onde morava; e a inocência. Além disso, ainda estava em uma fase de mudança no momento do ciclo de vida, saindo da infância para a adolescência, na qual o corpo está em transformação, perdendo também o sentimento de infância, sendo obrigado a passar por um processo de tornar-se adulto rapidamente.

Sobre todas essas perdas, Soar (2011) menciona que, sem a possibilidade de elaboração do luto e entristecimento, não há como tolerá-las. Percebia-se em Carlos, por meio dos mecanismos de racionalização e negação e também das condutas inadequadas e da adesão ao movimento *Heavy Metal*, a busca de uma maneira de tolerar os sentimentos dolorosos e uma tentativa de elaboração solitária destes.

Apesar de ter solicitado a guarda e escolher cuidar de Carlos, Mariana expressava a dificuldade que estava sendo cuidar do irmão. Relatou que, após a morte do pai deles, tudo saiu do lugar e que a mãe de Carlos começou a ter relacionamentos com homens estranhos. A mãe de Carlos assumiu que fazia isso por dinheiro e que não aguentava cuidar dos filhos sem o pai. Carlos, por sua vez, dizia sentir muito a falta do pai, pois era com ele que conversava e este ajudava muito a mãe: “ela era tranquila com ele, mesmo tendo que cuidar dele quando tinha as crises”.

A relação entre Carlos e sua irmã era acompanhada por sentimentos ambivalentes, ou seja, ao mesmo tempo em que Mariana queria cuidar e ficar com o irmão sob sua tutela, não o queria por não se sentir em condições de cuidar e suportar, assim como Carlos não tinha certeza se queria ficar com ela, preso ao comportamento adequado que era esperado dele. A ambivalência se fazia presente todo o tempo – a segurança e a insegurança, a morte e a vida, o amor e ódio, o desejo de ficar e o desejo de separar – ou seja, para Carlos e Mariana a angústia estava sempre presente nesse momento de suas vidas. Quando Mariana mencionava sentir medo do irmão, referia-se ao tema da morte e seu receio de que Carlos pudesse fazer algo contra si ou matar alguém dentro de sua casa.

Ficava clara a desorganização do sistema familiar, pois após a morte do pai, as famílias que João constituiu estavam em crise, enfrentando problemas sérios tanto financeiros como emocionais. Mesmo as filhas do primeiro e do segundo casamento de João acabaram por tentar ajudar financeiramente Mariana, mas não conseguiram. A madrinha de Mariana também brigou com os outros tios para deixarem a herança de João para ela e Carlos, mas não foi possível em virtude de os tios não entrarem em um acordo.

Para Mariana, o desejo de ficar com seu irmão era questionável, pois pensava que já tinha a mãe e seu outro irmão para sustentar e cuidar. Pensava a cada sessão em pedir a anulação da guarda. Porém, sentia a preocupação de que acontecesse com Carlos o mesmo que houve com o pai, ficar pulando de família em família, sem ter um lugar que considerasse seu lar.

A preocupação de Mariana era pertinente, pois, com todo o movimento familiar, Carlos estava se tornando o “problema da família” conforme era seu pai. A circularização do sintoma pode ser exemplificada pelo movimento dessas famílias. Após a mudança das dinâmicas familiares, dada a partir da morte de João, percebe-se que o sistema começa a tentar se reequilibrar visando achar alguém – no caso, Carlos – para se tornar aquele que vivenciará os mesmos sintomas da pessoa que morreu. Dessa forma, se voltaria para a dinâmica anterior à morte, o que é mencionado por Andolfi (1984), quando afirma que o comportamento do paciente identificado, o qual neste momento “porta” o sintoma, representa uma metáfora para o dilema de uma família que tem vontade de se movimentar, porém, se sente imobilizada com a morte.

No entanto Carlos, de formas inadequadas, mas pertinentes, lutou para não se tornar o paciente identificado quando, por exemplo, pediu a ajuda de Mariana para sair de casa, ou se apegou ao movimento *Heavy metal*, bem como quando se abriu à possibilidade de fazer psicoterapia.

Vale mencionar também a importância de Carlos e Mariana fazerem psicoterapia, terem um lugar de acolhimento e talvez uma tentativa de elaboração dos sentimentos ambíguos desse momento de suas vidas, de poderem escolher se ficariam juntos ou não sem culpa e sem o sentimento de perda e abandono como principal medo. Carlos, em seus relatos, afirmava que o irmão de Mariana e sua mãe também necessitavam de psicoterapia, pois depois da morte do pai, todos na casa estavam em crise. Disse que Mariana parecia deprimida e que a via tentando ter forças para dar conta de tudo. Na família de Carlos que estava em São Paulo, as notícias também eram de crise, pois sua mãe ligava e só brigava com a Mariana, ao ponto de ter intervenção judicial, e seu irmão estava muito triste. Suas duas outras irmãs também ligavam e diziam estar muito preocupadas com tudo o que estava acontecendo, mas tentavam não se misturar com a situação. O sofrimento e a dor eram visíveis em todos.

O cuidado que o pai de Carlos necessitava regulava toda a dinâmica familiar de Carlos e também diretamente da família de Mariana, mas indiretamente afetava os dois outros subsistemas de suas outras duas irmãs, pois a atenção com remédios, médicos e atitudes

complicadas – a si e ao meio – faziam com que todos tivessem que se relacionar. Com sua saída, essas pessoas perderam uma função muito importante no dia a dia, que era de cuidar do pai.



Figura 5 - Disponível em <<https://www.pinterest.com/pin/571042427725611277/>>

### 5.3.4 O luto, as perdas e a adolescência

Carlos encontrava-se vivenciando a adolescência, a qual é considerada um período muito intenso dentro do desenvolvimento do ciclo vital. Afinal, é nesse momento de saída da infância para a puberdade em que são oferecidas grandes oportunidades de crescimento, aumento de autonomia, autoestima e intimidade. Carlos, além das dificuldades inerentes à adolescência, teve como estressor fundamental a morte do pai e todas as perdas que se sucederam e que aceleraram as modificações emocionais e constitutivas sofridas por sua família.

Nessa procura por aceitação e por pertencimento a um grupo, muitos se manifestam contra alguns colegas, outros com reações contra os adultos, cada um com uma forma de expressão. Carlos passou a fazer alguns amigos quando começou a participar de um jogo de cartas que os meninos faziam nos intervalos das aulas. Anteriormente, tinha poucos amigos e os colegas o chamavam de “bichinha, gótico, Xuxa, nerdzão”. De acordo com Duque (2011, *apud* NETO; OSÓRIO, 2011), as ações de intimidação ou *bullying* podem acontecer por qualquer motivo, tal como acontecia com ele. Ser mais lento do que a maioria, falar com sotaque diferente, ter a pele de outra cor, possuir costumes pouco usuais, vestir-se de modo incomum, ser gordinho ou usar óculos, ser bom aluno, ser *Nerd*, dentre outros (p. 120), são motivos para que tal prática seja desencadeada. No caso de Carlos, ele sofria as formas diretas de ameaça que Almeida (2008, *apud* DUQUE *et al.*, 2008) afirma que comumente são mais empregadas por meninos e são transmitidas ao alvo de forma clara.

Carlos disse ter começado a jogar com cartas emprestadas de um dos meninos e com suas jogadas já ganhara cartas para devolver ao garoto e ter novas para ele. Nos relatos, Carlos ressaltava já ter começado a jogar com os meninos que eram experientes e se saiu muito bem, ficando muito bom no jogo e ganhando muitas cartas nas competições.

Além de interagir com os colegas de escola, Carlos passou a ter contato *online* com algumas meninas e, de acordo com Mariana, ele criava um personagem que dizia gostar de sangue e ser muito gótico, para que pudesse interagir com essas garotas.

Papalia e Olds (2000) afirmam que, na adolescência, para a construção da identidade, é fundamental que exista uma afirmação e organização das habilidades, necessidades, interesses e desejos para que possam ser expressos no contexto social em que estão inseridos. Como ilustração à fala dos autores, vale citar a ocasião em que Carlos relatou ter feito uma pintura em aquarela elogiada pela professora de artes, que solicitou a ele falar sobre sua criação, sobre as técnicas utilizadas para fazer o desenho às outras turmas do colégio.

Os desenhos que eram feitos por Carlos, sempre “demoníacos” e com expressões fechadas e sérias, poderiam ser lidos como representações do seu mundo interno, falando sobre a dor que não é possível de ser verbalizada. Todo o desconforto pode ser transformado em desenhos mórbidos, como a rosa negra – e escura, sombria, possivelmente morta.

Para o adolescente, em que parte das tarefas evolutivas consideradas importantes está no distanciamento da influência e do controle advindo dos pais, a morte de um dos pais tende a ser complexa e rodeada por sentimentos conflitantes e negativos com relação a eles. Segundo Erikson (1976), a perda de um dos pais traz consigo a possibilidade de comprometer o processo de aquisição da autonomia ou de independência.

Osterweis *et al.* (1984, *apud* WALSH; MCGOLDRICK, 1998) afirmam que:

A morte de um dos pais nesta fase também é complicada pelos modelos de atuação, no sentido de evitar a dor, que ele pode encontrar em seus pares. Meninos que perdem um dos pais, com frequência se voltam para o roubo, as drogas ou brigas, ou se retraem socialmente, enquanto as meninas tendem a unir-se às irmãs ou sexualizarem as relações com pares, buscando a proximidade de modo a serem confortadas e a substituírem o que perderam (p. 67).

Outra característica marcante da adolescência está na transgressão de leis e normas, agravada muitas vezes por conflitos familiares, por emoções não trabalhadas e latentes. Mariana, em uma conversa com a terapeuta de Carlos, relatou que ele e alguns amigos entraram em uma construção, quebraram coisas e brincaram de desmaiar no colégio. Essas situações de transgressão podem ser consideradas uma forma importante para o desenvolvimento e socialização do adolescente, bem como uma maneira de testar seus limites e os de seu entorno. Benavente (2009) aponta que esse momento do adolescente não aponta necessariamente uma condição patológica, pois muitas vezes essa ação se dá em busca de limites e referências considerados normais nessa fase.

No caso de Carlos, o momento vivenciado pelo estágio do ciclo de vida, mais o fator perdas e morte com que ele se deparou, traz à tona um questionamento sobre o significado de alguns atos de delinquência. Por terem sido atos de delinquência pontuais, foi considerado que Carlos vinha ao encontro da falta de elaboração de todos os sentimentos, juntamente da adolescência, que é um momento em que a questão da identidade e identificação está em processo de mudança.

Foi levantada a hipótese de que, ao praticar esses atos – entrar na construção e quebrar coisas – Carlos tentava expressar seus sentimentos, porém, de uma forma inadequada,

mostrando o quanto tinha raiva e o quanto estava transtornado com isso. Carlos podia sair do congelamento e do papel de menino perfeito, podendo colocar pra fora alguns dos seus sentimentos. Após esses atos, teve que também se despedir da irmã Mariana, concretizando enfim sua mudança para São Paulo:

(...) acho que essa raiva seria um super *Hitler* e mataria todo mundo... seria do tamanho do universo ou maior. Seria preta e começaria matando os funkeiros, depois mataria tudo e todos. Depois que matasse todo mundo teria amenizado... Acho que ela seria a imagem da morte com a roupa preta com a foice... Se essa raiva pudesse dar um golpe final, ele pegaria uma faca e sairia matando todo mundo que estiver em casa e mataria eu mesmo... Não importa quem passar na minha frente, se for a pessoa mais legal do mundo, se for meu pai ressuscitado ou se for um funkeiro desgraçado, qualquer pessoa.

Carlos, nessa fala, deixou claro que, mesmo que o impossível acontecesse – que seria o pai aparecer ressuscitado – não seria forte o bastante para conter essa raiva, o que deixa espaço para a reflexão sobre o sentimento contraditório que existe mesmo com relação a esse pai, que morreu e o deixou desprotegido, sem função e sozinho.

Nos relatos de Mariana, apareceu em certo momento a prática de maus tratos e tortura de insetos ou pequenos animais por Carlos, podendo-se relacionar esse ato a uma maneira de expressar a raiva e testar a morte, pois ele não conseguia assimilar todas essas perdas. Porém, pode-se perceber que esse “desafio à morte” acontecia não somente com os animais, mas também consigo mesmo, quando relatou sobre as brincadeiras na escola em que ele se sufocava com o objetivo de desmaiar, ou quando invadiu juntamente dos amigos a construção vazia e um dos trabalhadores o ameaçou com um facão. Dizia:

(...) saber que não tinha ninguém, que ninguém podia entrar lá [enquanto o prédio estava em construção], ninguém acessa lá, tem aquela intensidade, fizemos aquele negócio das máscaras de oxigênio, brincamos de achar tesouro... Era engraçado, ficamos jogando e quebrando as lâmpadas... Estava me sentindo meio com medo, misturado com adrenalina, estava feliz, alegre. A qualquer hora poderia chegar um pedreiro ou uma polícia, e isso deixava as coisas mais legais ainda (...) se eu morresse, morreria feliz.

Além de entrar na construção, Carlos contou que tinham roubado bolacha em um supermercado, quebrado o registro de água da casa da vizinha e estava fazendo “coisas para desmaiar” na escola – trancar a artéria do pescoço até desmaiar, pois “todo mundo estava fazendo, se eu não fizesse seria o ‘arregão’”. Era pra ter feito 10 segundos e eu fiz 60... ninguém faz isso, soube que pode matar, que posso não acordar mais... achei legal, uma adrenalina legal. Quis fazer e fiz”. Fica explícita nessa “brincadeira” a vontade de Carlos de

pertencimento ao grupo, mesmo tendo que colocar sua vida em risco. No entanto, não bastaria pertencer, precisava ser reconhecido como alguém que aguenta ultrapassar os limites. Importante perceber que a “brincadeira” envolvia a temática da morte e ele se sentia excitado com a possibilidade de chegar perto dela, ou melhor, de controlá-la. Morrer e voltar eram uma forma de estar próximo do que o pai sentiu.

Era como se o tempo todo Carlos falasse “eu ganho da morte”, na intenção de tentar controlar as regras e, conseqüentemente, negar todo seu sofrimento e, principalmente, as leis da vida. Apesar de Carlos querer ultrapassar os limites, testar a morte ou mesmo destruir coisas alheias, este apresentava também uma maturidade aparente impressionante. Tinha um discurso lógico e coerente com seus sentimentos, que dizia ter conseguido por necessidade de se proteger após a morte do pai.

A temática da morte e perdas, no momento da psicoterapia, esteve sempre como pano de fundo para as sessões e metáforas utilizadas. A morte do pai em si não foi um tema abordado explicitamente em todas as sessões, entretanto, por meio dos desenhos, músicas e preferências que Carlos tinha, pode-se fazer essa leitura. E a partir dela, levantou-se a hipótese de que esta era a maneira por meio da qual o garoto conseguia falar sobre os sentimentos, expressar sua raiva e sentimentos ambíguos que pareciam estar congelados na postura de um menino perfeito e tão racional, mostrando a todo o tempo, simbolicamente, que esta era a forma pela qual ele poderia se aliviar.

Na última sessão do processo terapêutico, as metáforas deram lugar à fala sobre os sentimentos. Carlos disse que, dos 100% dos sentimentos possíveis, a raiva ocupava 95%, outros 4% eram dó e piedade e 0,4% talvez fosse amor. Falou que, se sentia raiva, é porque as coisas não estavam boas, mas também sentia medo de ficar sozinho e de ficar sozinho no escuro.

Com relação ao grande sentimento de raiva que Carlos apresentava em relação à pequena porção de amor existente, o menino falava que:

(...) já foi muito maior (o amor)... Quando eu morava no Rio Grande do Sul. Numa época em que meus pais ficaram um tempo sem brigar. Eu morava num sítio. Tinha muito verde, muitos animais, lago, peixes. Eu tinha uma cobra, e amava até a minha cobra, eu tinha dó das rãs e dos sapos que eu dava para ela comer. Mas ao mesmo tempo eu pensava que era a natureza. Era o paraíso... eu queria ser biólogo e pra quem queria ser biólogo era o paraíso. Tinha um lago sujo, eu pegava as rãs, sabia identificar quais eram machos e fêmeas e os colocava juntos para acasalar. Em volta do sítio tinha muito mato, muitos insetos, tinha aranhas e eu aprendi que se elas picam você tem que cortar o local pra sair o veneno, eu andava com uma faquinha



no bolso... Meu pai me ensinava tudo isso, ele me ensinou usar o facão, ele confiava em mim, sabia que eu sabia usar, o Mateus não sabia era amador.

Nesse sentido, ele salientou a confiança que o pai tinha nele e as coisas boas que aconteciam nesse momento em que tinha tudo:

(...) eu vi os móveis que meu pai fez com todo amor e carinho serem vendidos todos a 100 reais para uns caras que meu pai odiava. Eu vi meu cachorro indo embora. Nos últimos dias, a minha coelhinha morreu. Vi minhas gatinhas sendo doadas. Eu soltei a minha cobra. Tudo isso depois que o meu pai morreu... Eu senti muita tristeza, nos últimos dias estava muito ruim ficar lá. As galinhas tinham fugido, estávamos o tempo todo com medo de sermos roubados. A casa estava na mira dos índios que roubavam. Nos últimos dias lá, quase fui picado por uma cobra, as telas de insetos estavam velhas e passou a encher de mosquito, os índios roubaram um monte de brinquedos meus... Uma vez a filha dos índios mordeu um bolo inteiro que a minha mãe tinha feito, e na época eu era totalmente inocente, estava falando com toda educação tentando ensinar a menina e o irmão dela veio todo grosso perguntar por que eu estava xingando a irmã dele. Eles faziam xixi na piscina, xingavam eu e meu irmão, na minha própria casa, o cara ficava querendo namorar a minha mãe. Quando saímos de lá, estava tudo quebrado... Nessa época, ficamos até um tempo sem comida, tínhamos que acordar de madrugada, muito cedo, ainda era escuro e de noite, dava muito medo. Era uma casa dos horrores, tinha um barulho de pássaro, de sapo... Acho que isso tudo me traumatizou. Ver todo aquele paraíso desmoronar, era um terror. Não dormia de noite por causa dos insetos, ficava todo coberto, soando. Eu lembro até hoje do dia que fomos embora de lá, eu estava sentado no ônibus passando por uma ponte que dava pra olhar pra trás, eu olhei pra tudo, coloquei as mãos no vidro e chorei, foi como eu me despedi. Lembro de ter visto minha avó chorando... ela morreu... nunca mais vi ela.

Esse depoimento confirma que, após a morte do pai, o menino perdeu tudo, transformando tudo o que sentia em sua idealização como perfeito e maravilhoso em um mundo caótico e desmoronado. Bowlby (1961, *apud* LUNA; MORÉ, 2013) menciona que a experiência da perda de alguém gera uma:

(...) reação geral chamada de ansiedade de separação, ou seja, uma tentativa frustrada de recuperar a figura de apego. Assim, demonstrou que essa reação ocorria por meio de um padrão comportamental e afetivo, explicando as distintas fases e emoções da perda, como entorpecimento, anseio e busca pela pessoa perdida, desespero, desamparo, raiva, depressão e reorganização do comportamento (p. 25).

A partir da afirmação de Bowlby, pode-se levantar a hipótese de que a dor da morte do pai e a raiva que se “criou” dentro de Carlos após essa morte podem ter relação com o

desamparo que o menino sentiu após o pai tê-lo “deixado”. Ao mesmo tempo em que tinha um pai idealizado como referência, que confiava nele e o dava ferramentas para crescer e se desenvolver, fala-se de um pai que o deixou em um momento importante da vida, a adolescência, em que era importante a identificação com uma figura que o desse segurança e solidez. Vale lembrar que essas histórias foram muito significativas, porém, surgiram na última sessão de todo o processo terapêutico.

Ao longo do processo de terapia, Carlos relatava ter criado em sua mente um mundo imaginário com regras muito rígidas e punições fatais para quem cometesse crimes ou transgressões, deixando evidente a contradição do seu “mundo real”, onde se nega a cumprir as regras rígidas definidas por Mariana e sua família a partir do momento que passou a morar em Florianópolis, e as regras que a vida lhe estabeleceu a partir do momento que entrou em contato com as questões advindas da morte do seu pai.

Dentre os relatos, Carlos mencionou que, no seu mundo imaginário, as pessoas pagariam proporcionalmente pelos crimes que cometessem:

Por exemplo: roubou – teve a mão cortada. As punições seriam tão rígidas que as pessoas teriam medo de fazer qualquer coisa errada. Essas punições seriam aplicadas por homens que utilizariam capacetes de aço, teriam uma foice, com uma roupa preta cheia de cintos, com uma bota. Isso precisaria acontecer por uns 50 anos, até todo mundo aprender e não cometer mais crimes. A pessoa que tivesse cometido o pior crime de todos sentiria dor pelo resto da vida, nunca mais veria a luz, comeria comida estragada, sentiria tudo e nunca mais teria contato humano, não ouviria nenhuma voz e nenhum outro barulho, sofreria bastante – tortura perpétua.

Nessa fala, fica clara a necessidade que Carlos demonstra de que existissem regras muito rígidas e punições para o caso de algumas delas serem quebradas. Entretanto, regras e condutas certas e erradas no mundo “real” eram um tema de constantes brigas entre os irmãos Mariana e Carlos, pois o menino não aceitava que a irmã definisse como ele deveria se vestir ou agir, apontando que ela sempre foi certinha e imaginava que ele deveria ser como ela foi.

Porém, ele não parecia conseguir cumprir essas regras, considerando a sensação de não pertencimento à casa onde morava, nem à família em que estava inserido, não conseguindo pertencer a lugar nenhum, nem mesmo ao grupo de que gostaria de participar – góticos e vampiros – pois, por regras impostas por Mariana, ele não poderia ficar sem tomar sol, sair somente em dias nublados e nem usar somente roupas pretas.

Dessa forma, Holland e Moretti (2012, *apud* JOHNSON; WHIFFEN, 2012), afirmam que os adolescentes podem passar por situações de sofrimento quando se dão conta que não

são capazes de perceber a incongruência entre quem são, quem desejam ser, quem acreditam que seus pais desejam que sejam e quem acreditam que seus companheiros desejam. Apesar de se sentir cuidado pela irmã, Carlos afirmava querer poder “viver do jeito que gosto, não quero ter que amar todas as pessoas, não consigo e nunca gostarei do jeito que os funkeiros se vestem e agem, não consigo ser neutro a eles”. Assim, poderia não sentir tanta dor, fazendo um movimento para que não houvesse vínculo muito sólido com as pessoas. Vincular-se, nesse momento, parecia estar relacionado a perdas e sofrimento. Quando Carlos começou a parecer sentir-se integrado em grupos, a ser reconhecido pelos professores e colegas por suas habilidades artísticas, teria que se desligar de tudo e todos, ou seja, novamente perder tudo para mudar-se de cidade. Parece que, quando havia um vínculo, ele sempre sentia que iria perder e em muitas situações de sua vida foi isso mesmo que aconteceu, inclusive na relação com sua irmã.

Carlos e seu irmão Mateus tinham idades muito próximas, 12 e 11 anos respectivamente, e Carlos contou que o irmão sempre gostou muito de copiá-lo, seja comprando tênis igual, lendo as mesmas revistas ou escutando as mesmas músicas. Apesar de sentir-se incomodado com a situação, Carlos relatou que às vezes brigavam, embora também se dessem bem em outros momentos.

Quando Carlos contava sobre as histórias do tempo em que morava com a família no sítio, relatava os acampamentos que fazia com o irmão, “provas de sobrevivência”, dos morros que subiam de bicicleta. Em todas essas histórias, Carlos apontava que o Mateus era o seu “seguidor”.

Carlos possivelmente era uma figura de referência para Mateus, enquanto o pai era a referência para Carlos. Dessa forma, pode-se relacionar o momento do ciclo de vida, a adolescência, com a figura de identificação para entender o motivo de Carlos “portar” todas as queixas sobre a figura paterna. A partir do relato de Mariana, pode ser observada a identificação do garoto “sem limites, sem regras, com uma imaginação muito ampla. Parece que não consegue estar com ninguém, igual ao nosso pai”. Também a desorganização de Carlos com suas coisas em casa e na escola faziam-na pensar e comparar o garoto com João.

Com relação a essa identificação, Bowlby (1989) salienta a necessidade e importância que os pais têm ao fornecerem uma base segura a partir da qual o filho pode explorar o mundo e retornar ao lar, onde serão “bem-vindos, nutridos física e emocionalmente, confortados se houver um sofrimento e encorajados se estiverem ameaçados”. Como resultado dessa relação de segurança e apego, vem um sentimento de confiança da pessoa com relação a ela mesma e

aos que a cercam, sendo estes figuras familiares ou sociais. Carlos relatava que, em sua relação com o pai:

(...) só eu que pescava, o Mateus era meu aprendiz. Só uma vez que ele pescou que foi quando meu pai e minha mãe foram juntos, íamos pescar na parte da manhã. Eu lembro da gente levantando cedo, meu pai fazia um omelete e eu via “Bom Dia Brasil”, sempre que eu vejo esse programa eu lembro dessa época. Aí eu assistia o jornal com meu pai, eu sempre ficava imitando os movimentos dele. O omelete dele é o melhor do mundo, ele também fazia uma maionese verde, eu chamava de “PAIonesa” era uma delícia, passava no pão que a minha mãe fazia, era perfeito, eu comia isso de manhã.

Quando ficou definido que Carlos voltaria para São Paulo morar com a mãe e o irmão Mateus, o menino não apresentou resistências ao retorno. Dizia ter boas expectativas, ou seja, idealizava e desejava que a mãe tivesse ido ao psiquiatra, arrumado um emprego e que teriam casa própria, onde ele teria seu espaço e suas coisas, assim como seu irmão. Em suas palavras:

(...) me disseram que a minha mãe está bem calma, trabalhando, namorando, acho que será bom (...) será muito mais fácil, poderei ter todas as minhas vontades feitas. Aqui tenho horários para fazer as coisas, não posso acessar a internet o tempo todo, tenho que cumprir responsabilidades e tarefas

Acreditava que, nesse tempo morando com Mariana, aprendera muitas coisas e ganhara forças para poder se proteger e proteger o irmão. Ao mesmo tempo, pensava que seu irmão poderia fazer-lhe companhia e ajudá-lo a lidar com o medo que tinha de ficar sozinho em casa à noite, demonstrando ansiar pelo apoio mútuo existente entre a fratria, conforme citado por Tilmans-Ostyn (2000). Segundo essa autora, a vivência dos mesmos acontecimentos traumatizantes – uma morte, uma perda, uma separação, um acidente etc. – pode fazer com que, sem o amparo de um adulto – pai ou parente – de um irmão ou de uma irmã mais velhos, os mais novos corram o risco de se sentirem sós, sem palavras para falar da situação (p. 25).

Caso a mãe não cumprisse com alguma das suas responsabilidades e com o que lhe foi prometido, Carlos disse ter uma avó que morava perto que poderia dar suporte a ele e ao irmão, se necessário, e falava que o sentimento pela mãe mudara. Então, caso ela agisse de forma violenta com ele, o menino teria outra postura: “também eu não amo muito mais ela, perdi o amor por ela. Quando ela me batia, não era tão forte, mas doía mais porque eu amava muito ela, por isso sentia dor”. De acordo com Walsh (2005), são fundamentais a garantia que

os filhos serão bem cuidados e não abandonados, além da estabilização da situação doméstica. Com relação aos sentimentos associados à mudança para a casa da mãe, Carlos disse:

(...) entendo que minha irmã está com problemas e não conseguirá ficar comigo aqui... Não sei exatamente o que estou sentindo pela situação, mas sinto um pouco de raiva, e saudades da minha mãe. Do meu irmão sinto saudades. Do Felipe não sinto nem ódio nem nada, mas sentirei saudades dele. Da mãe da Mariana, tem muitas coisas que ela faz que eu não gosto, ela fica defendendo o Felipe, mesmo quando a Mariana faz as coisas certas, fico aliviado e confortável por saber que ficarei longe da Tânia (...) em geral, se está dando alguma merda comigo, estou com raiva dos outros... Quando eu for pra São Paulo, minha mãe vai ficar superfeliz que eu vou. Vou poder comer tudo o que eu quero, não vou precisar comer coisas saudáveis o tempo todo. Vou poder comer hambúrguer, *Subway*, pizza. Poderei me vestir do jeito que eu quero e terei muitas outras coisas pra fazer. Vou ter vontade de viver mais ainda, minha vida será muito boa.

Dessa forma, ele demonstrou ambiguidade com relação à mudança e medo de que as coisas não saíssem como esperava, porém, com esperança de que a mãe pudesse estar mais equilibrada e que pudesse cuidar dele e do irmão. Por outro lado, o garoto também demonstrou que agora conseguia expressar e falar de seus sentimentos com maior integração.



Figura 6 - Disponível em <<https://www.pinterest.com/pin/33587008468600283/>>

### 5.3.5 O processo da psicoterapia e aspectos judiciais

O papel da terapeuta, durante todo o tempo do processo, foi o de poder dar suporte à dor e raiva que estavam inerentes às metáforas trazidas por Carlos sem ficar chocada e entrar no isomorfismo, dando possibilidade ao garoto de falar sobre essas perdas, além de trazer à tona os sentimentos desse menino que estava paralisado. Esses sentimentos pareciam estar isolados, levando-o a cuidar da forma e do tom que falava, pois parecia achar que seria pesado aos outros escutá-lo, questionando a terapeuta se esta queria mesmo escutar e saber o que ele tinha a dizer. Carlos deixou isso claro na sessão em que falava sobre os desenhos japoneses de que gostava, dizendo: “tem certeza que você vai querer que eu te conte sobre este desenho? Acho que você não vai gostar, fala de morte e de tortura. Quer mesmo saber?”. Aqui, ele demonstrava a preocupação e o cuidado que tinha com as pessoas, mas ao mesmo tempo, o medo de que a psicoterapeuta não suportasse e desmoronasse, igual a sua mãe, ou ainda que a psicóloga também o abandonasse e rejeitasse. Ele precisava ver que alguém tinha força suficiente para aguentar o que ele sentia, pois apesar de ter Mariana, o garoto tentava poupá-la de seus sentimentos, cuidando dela em virtude de ver o esforço que a irmã fazia para dar conta de tudo.

A importância da psicoterapia, bem como a influência dos aspectos legais na continuidade do processo terapêutico, é relevante, pois, como já mencionado anteriormente, Carlos chegou para ser atendido em virtude de estar morando com sua irmã por sua mãe ter perdido sua guarda.

Ao chegar, o garoto tinha clareza de todo o processo judicial que estavam enfrentando – ele, a irmã e a mãe – e também dizia saber da necessidade da terapia para ele se integrar à família. O que chamou a atenção foi o discurso articulado e estereotipado do menino, utilizando palavras advindas de um discurso jurídico.

Após a leitura dos diagnósticos feitos pelos peritos judiciais, tanto a mãe como *borderline*, como o próprio menino como alguém com comportamentos antissociais, precisou-se fazer um trabalho de supervisão e um processo pessoal para não olhar para essas pessoas como “casos a serem estudados”, ou seja, para não olhar apenas o rótulo, mas ir em busca das dinâmicas que ali aconteciam, as histórias que, principalmente, levaram esse menino a ter esse estigma.

Aqui, cabe levantar a discussão de que a inclusão da abordagem sistêmica na área do judiciário poderia contribuir para que as pessoas entendessem suas histórias e se responsabilizassem por elas e não apenas se tornassem mais um “doente social”. A

importância de olhar sem rótulo para Carlos proporcionou uma possibilidade de relação diferente, na qual ele não precisava ser “o antissocial”.

Para se chegar a essas possibilidades de elaboração de algumas perdas de Carlos, foi de extrema importância encaminhar o processo terapêutico dentro do contexto dele, no qual tudo que ele gostava era importante. As técnicas utilizadas foram escolhidas de acordo com o período da adolescência, resgatando o que era importante para o menino e a forma que fosse mais adequada para que pudesse conseguir se expressar, portanto, por meio de metáforas, histórias, músicas e desenhos.

Worden (1998) salienta que, como no caso de Carlos:

Se o problema subjacente ao luto não resolvido foi uma raiva não expressa, é importante que, uma vez que esta raiva tenha sido identificada e sentida, o paciente seja ajudado a ver que os sentimentos de raiva não impedem os sentimentos positivos ou vice-versa (p. 108).

Em alguns momentos, Carlos parecia “testar” o quanto a terapeuta poderia suportar as suas histórias e se realmente elas poderiam ser faladas ali, como quando falou sobre o seu desenho favorito, mencionando que a terapeuta não gostaria de saber nem qual era e nem sobre o que se tratava a história, pois envolvia terror, suspense e tortura.

(...) a menina via sua mãe sendo morta pelo diretor do colégio e ele a matava também, depois ela volta em forma de espírito e tortura e mata o diretor. Mata e tortura as outras pessoas também, dá facadas, corta o rosto, abre a cabeça (...) acho normal, não gosto e nem assisto esses desenhos que falam de amor e essas coisas mais apaixonadinhas.

Boss (1999) menciona que uma perda ambígua tem a possibilidade de congelar o processo de luto e impedir o seu fechamento, paralisando o funcionamento familiar. Neste caso atendido, pode-se aprender sobre a necessidade dos adolescentes tendo uma abertura para se conhecer o mundo deles, seja este “fofo” ou “perverso”. As metáforas advindas das músicas, dos desenhos a que assistia, as histórias que criava, tudo mostrava o que se passava em seu emocional. Para exemplificar, seguem abaixo algumas atividades realizadas na sessão que mostram como foi o trabalho.

- Técnica dos cinco desenhos: essa atividade foi utilizada com a intenção de que pudessem ser elucidados alguns dados concretos da história e sentimentos de Carlos, a partir de metáforas criadas por meio dos desenhos. A proposta era que, no tempo da



sessão, fossem elaborados cinco desenhos com tema livre, cada um deles com um parágrafo que falasse o que era e se aquele desenho tinha uma história. Foram disponibilizadas folhas brancas, canetinhas, giz de cera e lápis de cor para a atividade.

Carlos utilizou somente lápis grafite, informando que não utilizava outros materiais para fazer seus desenhos. Dentro do tempo previsto, o menino iniciou e encerrou apenas um desenho, sendo ele a janela da sala onde eram realizadas as sessões. Questionado sobre sua obra, Carlos diz ser “aquela janela”, e que ele tinha feito o desenho exatamente como ele estava sentado olhando, mas que ainda não estava pronto. Gostaria de ter desenhado a janela com mais detalhes e jogos de sombras e luz.

Não tendo finalizado os cinco desenhos propostos na atividade, Carlos, no entanto, mostrou outra questão, deixando clara a importância de seguir o caminho que o paciente está mostrando e não aquilo que foi programado previamente. Então, nesse sentido, Carlos nos mostrou a “natureza morta”, confirmando a hipótese de um luto complicado.

A menção ao tema da morte, considerando o desenho como “natureza morta”, e a impossibilidade de seguir as regras estabelecidas, de desenhar cinco desenhos no tempo estabelecido, foram algumas das questões discutidas em supervisão acerca desse momento da terapia.

- Construção do Mangá: com o objetivo de criar uma história em que os personagens pudessem se comunicar sem que fossem questionados sobre as escolhas e atitudes, foi proposta a criação de um mangá, desenho em quadrinhos japonês. Essa atividade aconteceu somente em uma sessão, pois na sessão seguinte o menino não quis continuar a história, justificando tê-la considerado ruim.

Nesse momento, a finalidade da construção do mangá seria ter um meio para que se pudesse ter acesso ao mundo interno de Carlos e, dessa forma, trabalhar a negação entre os sentimentos e a postura atual.

O tema da história girava em torno de dois detetives, um deles muito experiente e outro “aprendiz”, os quais solucionavam crimes de assassinato e tortura que aconteciam na cidade próxima a eles. Um dos detetives, o experiente, tinha falas e situações nas quais ele se mostrava divertido, mesmo diante das investigações com o tema da morte.

Na sessão seguinte ao início da elaboração do mangá, Carlos disse não querer continuar e propôs que ele e a terapeuta fossem ao pátio da clínica para “caçar formigas”. Quando questionado sobre o que poderia ser feito com as formigas que fossem encontradas, Carlos disse não ter pensado sobre isso, mas que gostava de observar os animais e, por isso, teve a ideia.

Quando ficou definido que Mariana faria o pedido de revogação da guarda de Carlos, o qual voltaria a morar com a mãe, aconteceram algumas interrupções no processo terapêutico, por fatores justificados como problemas de saúde e dificuldades de locomoção até a clínica.

Nem Mariana e nem Carlos tinham clareza de quanto tempo levaria o processo e quando seria definida a data de retorno à casa da mãe. Em alguns momentos, Carlos falava que estava com raiva do processo judicial, porque “sempre estão colocando prazos a mais para a juíza autorizar a volta dele para São Paulo e está demorando 10 mil anos pra isso”.

Porém, mais uma vez, o tema “morte e perdas” aparece na vida de Carlos. O vínculo terapêutico foi encerrado por algo imposto (processo judicial), não sendo desejo de Carlos perder esse vínculo, novamente colocando o garoto na situação de lidar com a perda inevitável, inesperada e além do seu próprio desejo.

A possibilidade de falar sobre os sentimentos na sessão de encerramento do processo terapêutico pode significar um momento em que, após o investimento da terapia, Carlos conseguiu dizer tudo o que sentia.

Na última sessão, na qual se falou sobre os sentimentos que Carlos carregava com ele, pôde ser observada a importância do momento em que foi possível falar das perdas da vida que ele teve em Florianópolis e abrir espaço para que esses sentimentos fossem elaborados. Nesse momento, Carlos relatou ter a sensação de estar abandonando a irmã, sabendo que ela tinha dificuldades com a família e que esperava poder agradecer por tudo o que Mariana fizera por ele, bem como pedir desculpas por todas as coisas ruins que ele fizera.



Figura 7 - Disponível em <<https://www.pinterest.com/pin/32017847323391637/>>

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos relatos clínicos do estudo de caso de Carlos permitiu explorar e descrever uma reflexão com relação aos impactos causados na vida de um adolescente e de sua família a partir da morte da figura paterna.

Dentre os objetivos traçados para a pesquisa, considero que todos puderam ser abordados, sendo de suma importância olhar para as transformações que ocorreram nessa família após a perda de um membro com um papel central, e no momento do ciclo de vida em que a família se encontrava.

A importância da psicoterapia neste caso foi a disposição de um espaço em que se teve a intenção de que Carlos pudesse falar dos sentimentos relacionados à morte de seu pai, e elaborá-los. Para isso, foi trabalhado por meio de metáforas durante o processo, a partir do olhar da Teoria Sistêmica, e Carlos pôde ter novas possibilidades de olhar para o futuro, falar sobre as frustrações que ocorreram na sua vida e, com elas, trazia uma possível desesperança a respeito de “o que vai ser daqui pra frente?”.

Com a morte do pai e de toda a idealização que acompanhava esse evento, Carlos afirmou ter perdido todo um “paraíso onde coisas boas aconteciam” para viver em um “inferno, repleto de medos e violências”. A partir disso, foi elaborada a hipótese de que a dor da morte do pai e a raiva que se “criou” dentro de Carlos poderiam ter relação com o desamparo que o menino sentiu após o pai tê-lo “deixado”. Ao mesmo tempo em que tinha um pai perfeito e idealizado como referência, que confiava nele e lhe dava ferramentas para crescer e se desenvolver, falava-se de um pai que o deixou em um momento importante da vida, a adolescência, período no qual a identificação com uma figura que transmita segurança e solidez é fundamental.

A discussão sobre as perdas foi tema central na psicoterapia desse adolescente. A morte do pai, a violência física, os sentimentos ambíguos em relação à irmã, se intercalavam e se articulavam nas sessões. De uma forma indireta, entretanto, o tema de todo o processo terapêutico dele foram os prejuízos que se concretizaram na morte do pai. Carlos perdeu a casa, o mundo que acreditava ser maravilhoso, o irmão, a mãe, o lugar no qual residia, os amigos, seus bichos e, ainda, como teoricamente sabemos, estava numa fase de perder o seu mundo infantil, seu corpo infantil. Então, levanta-se aqui a hipótese de que a maioria das questões que surgiram durante o processo terapêutico tinha relação com todos esses lutos não elaborados, bem como com lutos relacionados com a estrutura e o ciclo de vida de Carlos.

Sobre as questões que concernem ao luto, vale registrar, como opção para leitura, o trabalho de conclusão de curso feito no mesmo Instituto de Terapia Relacional Sistêmica – *Morte e a Jornada do Luto* (2009), do autor João David Cavallazzi Mendonça.

De certa forma o estudo realizado por Monica Duarte da Silva Gonçalves – *Homens de 30 a 40 anos e o Heavy Metal Extremo: uma Válvula de Escape*, no qual a autora trata de homens com histórias diferentes das histórias relatadas por Carlos, mas que encontraram nas roupas pretas e no gosto pela música *Heavy Metal* um espaço em que puderam entrar em contato com seus sentimentos e suas dificuldades. Talvez, este possa ser um caminho para Carlos, ou seja, a arte pode oferecer uma possibilidade para o “futuro” de Carlos, como fizeram, por exemplo, os homens do estudo citado, os quais utilizaram a arte como meio de expressão de suas dores e o grupo do metal como lugar de desenvolvimento dos afetos e sentimentos de pertencimento. Carlos talvez também possa achar seus pares dentro dessa arte e ter companhias para percorrer o caminho dessas perdas, que ainda precisaram ser mais entendidas e elaboradas.

Acredito que suportar as histórias trazidas por Carlos e lidar com a contradição do garoto – considerado um menino fofo e querido que, contudo, falava de temas muito pesados e “demoníacos” – ajudou no estabelecimento do vínculo terapêutico, o que permitiu a criação de um espaço em que todas as coisas poderiam ser faladas, acolhidas e não naturalizadas. A experiência de atender um caso em que os sentimentos não apareciam claramente durante o processo de terapia e lidar o tempo todo com esse paradoxo foi um dos aspectos desafiadores do caso, além de trabalhar com um tema rodeado de agressividade e terror.

Em conversa com Mariana, aproximadamente 6 meses após o encerramento dos atendimentos, obtive relatos de que Carlos estava morando com a mãe e estava bem. Algumas coisas o garoto não encontrou como imaginava, mas estava conseguindo lidar com a situação e estava estudando. Não recebi a informação se ele continuava ou não a fazer terapia. Além disso, ele foi convidado para realizar um trabalho como modelo. Nas palavras de Mariana: “eu e todo mundo sempre falava que ele é lindo, mas ele nunca acreditava. Agora Carlos está se achando, pois convidaram para tirar umas fotos e trabalhar como modelo”.

O presente trabalho corrobora os estudos de Worden (1998), que avalia o encerramento da terapia do luto com relatos de pacientes que subjetivamente se sentem diferentes, falando sobre o aumento da autoestima e a diminuição da culpa. O autor assinala ainda que a terapia do luto pode ser muito eficaz.

Assim, pode-se dizer que esta pesquisa apresentou contribuições a psicólogos e demais profissionais das áreas da saúde e da justiça ao mostrar, a partir do caso de Carlos e Mariana, algumas reflexões acerca do trabalho com situações de morte e permite uma reflexão sobre as diferentes possibilidades de intervenção e de compreensão,

Por fim, vale destacar que todo trabalho acadêmico tem suas limitações, então, é interessante ressaltar a riqueza deste caso, sugerindo que existem outras possibilidades de que se realizem novos estudos a partir dos mesmos relatos do caso, com outros olhares e focos que não puderam ser abrangidos nesse momento, tais como: a reorganização familiar a partir da saída do sintoma e paciente identificado (considerando que este seja o pai); a relação de violência da mãe com os filhos a partir da perda do marido; utilização de metáforas para abordar o tema, dentre tantos outros.

## REFERÊNCIAS

ANDOLFI, M. **A terapia familiar: um enfoque interacional**. Campinas: Editorial Psy, 1996.

\_\_\_\_\_. **Por trás da máscara familiar**. Porto Alegre: Artmed, 1984.

BENAVENTE, R. **Delinquência juvenil: da disfunção social à psicopatologia**. Aná. Psicológica, Lisboa, v. 20, n. 4, 2002. Disponível em <[http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0870-82312002000400008&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312002000400008&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em Ago. 2014.

BOSS, P. **A perda ambígua**. In: WALSH, F.; MCGOLDRICK, M. **Morte na família: Sobrevivendo às Perdas**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

\_\_\_\_\_. **Ambiguous loss theory: Challenges for scholars and practitioners**. Family Relations, n. 56, abril 2007. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1741-3729.2007.00444.x/abstract>>. Acesso em Out. 2014

\_\_\_\_\_. **Ambiguous Loss: Learning to live with unresolved grief**. USA: Harvard College, 2000.

BOWEN, M. **Theory in the practice of psychotherapy**. In: P. J. Guerin (Org.), Family therapy: Theory and practice (pp. 42-90). New York: Gardner Press, 1976.

BOWLBY, J. **Uma base segura: Aplicações clínicas da teoria do apego**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente: Lei Federal nº 8069, de 13 de julho de 1990**. Brasília: Senado Federal, 2004.

BROWN, F. H. **O impacto da morte e da doença grave sobre o ciclo de vida familiar**. Em: Carter, B., McGoldrick, M. **As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar**. Porto Alegre: Artmed, 1995. p. 393-414.

CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. **As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar**. Porto Alegre: Artmed, 1995

CASELLATO, G. **Dor silenciosa ou dor silenciada?** São Paulo: Livro Pleno, 2005.

CERVENY, C. M. O. **A família como modelo: desconstruindo a patologia**. Campinas: Livro Pleno, 2000.

DUQUE, D. **Bullying na adolescência**. In: NETO, F. B.; OSÓRIO, L. C. **Adolescentes: o desafio de entender e conviver**. Florianópolis: Insular, 2011.

\_\_\_\_\_. *et al.* **A compreensão sistêmica do bullying**. Florianópolis: UFSC, 2008.

ERIKSON, E. **Infância e sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

GOLDSMID, R.; FÉRES-CARNEIRO, T. **A função fraterna e as vicissitudes de ter e ser um irmão**. Psicologia em Revista, Belo Horizonte, 2007. In: CORRÊA, G. P. O. **A dinâmica relacional fraterna**. Familiare Instituto Sistêmico. Florianópolis, 2012.

GONÇALVES, M. D. da S. **Homens de 30 a 40 anos e o heavy metal extremo: uma válvula de escape**. Familiare Instituto Sistêmico. Florianópolis, 2014.

HOLLAND, R.; MORETTI, M. M. **A jornada da adolescência: transições do *self* dentro de um contexto de relacionamentos de apego**. In: JOHNSON, S. M. ; WHIFFEN, V. E. **Os processos de apego da terapia de casal e família**. São Paulo: Roca, 2012.

KOURY, M. G. P. **Sociologia da emoção: o Brasil urbano sob a ótica do luto**. Petrópolis: Vozes, 2003. In: LUNA, I. J.; MORÉ, C. L. **O modo de enlutamento na contemporaneidade e o aporte do construcionismo social**. Nova Perspectiva Sistêmica, Rio de Janeiro, n. 46, p. 20 – 35, Agosto 2013.

KOVÁCS, M. J. **Morte de desenvolvimento humano**. 3. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

KÜBLER- ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**. São Paulo: Martins Fontes, 2002

LAZARE, A. **Unresolved grief**. In: A Lazare (Ed.) **Outpatient psychiatry: diagnosis and treatment**. Baltimore: Williams and Wilkens, 1979. In: WORDEN, J. W. **Terapia do luto**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1998.

LUNA, I. J. ; MORÉ, C. L. **O modo de enlutamento na contemporaneidade e o aporte do construcionismo social**. Nova Perspectiva Sistêmica, Rio de Janeiro, n. 46, p. 20 – 35, Agosto 2013.

MENDONÇA, J. D. C. **Morte e a jornada do luto familiar**. Familiare Instituto Sistêmico. Florianópolis, 2006.

MIERMONT, J. **Dicionário de terapias familiares: teoria e prática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

MINUCHIN, S. **Famílias: funcionamento e tratamento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

NETO, F. B.; OSÓRIO, L. C. **Adolescentes: o desafio de entender e conviver**. Florianópolis: Insular, 2011.

NETO, L. B. **Transtornos psiquiátricos na adolescência**. In: NETO, F. B.; OSÓRIO, L. C. **Adolescentes: o desafio de entender e conviver**. Florianópolis: Insular, 2011.

OSORIO, L.C.; VALLE, M. E. P. **Manual de terapia familiar**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

OSTERWEIS *et al.*, 1984. In: WALSH, F.; McGOLDRICK, M. **Morte na família: Sobrevivendo às perdas**. Porto Alegre: Artmed, 1998.



- PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W. **Desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- PAPP, P. **O processo de mudança: uma abordagem prática à terapia sistêmica da família**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- SILVA, D. R. **Famílias e situações de luto**. In: OSORIO, L.C.; VALLE, M. E. P. **Manual de terapia familiar**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- SOAR, E. **Os outros que somos**. Biguaçu: Editora UNISUL, 2011.
- TILMANS-OSTYN, MEYNCKENS-FOUREZ (Orgs.). **Os recursos da fratria**. Belo Horizonte: Artesão, 2000.
- VASCONCELOS, M. J. **Pensamento sistêmico: o novo paradigma da ciência**. Campinas: Papirus, 2002.
- WALSH, F. **Fortalecendo a resiliência familiar**. São Paulo: Roca, 2005.
- WALSH, F.; MCGOLDRICK, M. **Morte na família: Sobrevivendo às Perdas**. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- WATZLAWICK, P.; BEAVIN, J. H.; JACKSON D. **Pragmática da comunicação humana: um estudo dos padrões, patologias e paradoxos de interação**. São Paulo: Cultrix, 34, 1967.
- WENDT, N. C.; CREPALDI, M. A. **A Utilização do genograma como instrumento de coleta de dados na pesquisa qualitativa**. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21(2), 302—310, 2008.
- WORDEN, J. W. **Terapia do luto**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1998.

**FAMILIARE INSTITUTO SISTÊMICO**

**O IMPACTO DA MORTE DO PAI NA VIDA DE UM ADOLESCENTE**

**Gabriela Chrestani**

**Orientadora: Me. Monica Duarte da Silva Gonçalves**

**2014**